



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
DEPARTAMENTO DE HUMANAS E SOCIAIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

CAMILA MARIA BARBOSA DA CRUZ

HISTÓRIA E RELIGIÃO: O FESTEJO DE SÃO SEBASTIÃO EM
CODÓ- MARANHÃO

CODÓ-MA

2021

Camila Maria Barbosa da Cruz

**HISTÓRIA E RELIGIÃO: O FESTEJO DE SÃO SEBASTIÃO EM
CODÓ- MARANHÃO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas como pré-requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em História pelo Campus VII / Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Codó.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes

Codó-MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cruz, Camila Maria Barbosa da.
História e Religião: O Festejo de São Sebastião em
Codó-Maranhão / Camila Maria Barbosa da Cruz. - 2021.
63 f.

Orientador(a): Jonas Rodrigues de Moraes.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2021.

1. Codó MA. 2. Festejo. 3. Paróquia de São
Sebastião. 4. Religiosidade. I. Moraes, Jonas Rodrigues
de. II. Título.

Camila Maria Barbosa da Cruz

**HISTÓRIA E RELIGIÃO: O FESTEJO DE SÃO SEBASTIÃO EM
CODÓ- MARANHÃO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas como pré-requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em História pelo Campus VII / Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Codó.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Jonas Rodrigues de Moraes (Orientador)

Doutor em História

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.º Doutora Liliane Faria Correa Pinto

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.º Doutor Antônio Alexandre Isidio Cardoso

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Dedico este trabalho à minha mãe França, irmãs Sheyla e Fabiana, meu padrasto Hermeson e os meus três lindos sobrinhos: Ana, Emanuelle e Arthur. Vocês são a minha força.

AGRADECIMENTO

Início essas linhas com tanta emoção que com certeza me faltarão palavras para demonstrar gratidão que tenho pelas diversas pessoas que me ajudaram e estiveram comigo durante essa jornada acadêmica. Não poderei aqui mencionar todos e todas, mas afirmo que é no meu coração que guardo os nomes e rostos dos que contribuíram para essa linda conquista.

Nesse espaço começo agradecendo a Deus, como cristã católica que sou é a Deus que rezo, recebo e agradeço por tudo que tenho, que sou e posso ser. Na Sua perfeita criação eu, imperfeita, caminho anunciando/contribuindo para a construção do Reino que, aprendi a chamar carinhosamente de *Civilização do Amor*.

À minha família que tanto acredita em mim e no que eu posso conquistar, mesmo com muitos percalços pelo caminho eu sei e sinto o quanto vocês confiam no meu potencial. Também à minha amada avó Maria Barbosa/Lili (in memoriam) pois a tenho comigo sempre, a saudade não cessa, mas eu sinto que sou cheia de seu amor e que por isso transbordo amor.

À minha comunidade paroquial São Sebastião (em especial o seminarista Lucas Soares e o Diácono Railson) que me acolheu com tanto amor, dando a mim a oportunidade de ser missionária e viver a maravilha de ser dessa paróquia, além de me conceder espaço para a pesquisa e escrita de trabalho. Que, por intercessão de São Sebastião, sejamos sempre firme no anúncio do Evangelho.

Ao meu amigo-irmão Atalicio Moreira, falar de você marejam meus olhos. Obrigada por tudo meu querido, nós dois sabemos o quanto fomos e somos essenciais um para o outro, tenho em você a admiração e inspiração que me ajudaram a concluir essa etapa da minha vida.

No rol das amigadas, tenho minha linda equipe/família da UFMA: Domingas Ribeiro, Francineide Leal, Denis Ferreira e Raiane Lima, vocês foram e são maravilhosos, obrigada por todos os momentos, todas as histórias, choros e vibrações, alegrias e tristezas, sucessos e aprendizados. E, à minha amiga pessoal Fernanda Dias, na finalização desse trabalho você se tornou um braço forte que me incentivou à conclusão.

À UFMA eu quero agradecer pelo espaço de aprendizagem, crescimento e amadurecimento. Nós alunos e alunas dessa instituição sabemos o quanto o campus de Codó é importante e essencial para a transformação das vidas de quem aqui consegue chegar.

E, com todo o meu carinho, agradeço ao meu querido Orientador Prof^o. Dr. Jonas Moraes, esse espaço é pouco para demonstrar a gratidão que tenho por suas orientações, conselhos, paciência, incentivo e diversos aprendizados. Sei que dei trabalho, por isso a minha gratidão é em dobro. Que Deus continue abençoando você, sua família e seu trabalho.

*Tu ostentas na Praça da Liberdade / um cruzeiro, símbolo
da religião, / monumento marcante nesta cidade, / Exibido
hoje em nosso pavilhão.*

*(Trecho do Hino do Município de Codó – MA – Por
Prof^ª. Luiza D'lly Alencar De Oliveira)*

RESUMO

Este estudo tem como título “História e Religião: O festejo de São Sebastião em Codó – Maranhão”, seu objetivo é analisar a emergência e crescimento da festa em honra a São Sebastião na cidade de Codó - MA. Assinalamos que, desde a origem do festejo e construção da capela, onde os registros de conclusão datam 05 de abril de 1896, até o presente momento, essa paróquia se tornou uma das maiores do município, bem como da Diocese de Coroatá. Várias narrativas historiográficas circulam sobre sua construção, alguns depoimentos afirmam que já existia essa comemoração ao santo padroeiro da “parte alta” (atual bairro São Sebastião); outros apontam que foi com a migração da família *Archer*, que chegaram à cidade com aspirações empresarial e política; e há também a participação direta de Martiniano Coelho, cujo registros históricos, a exemplo o Jornal O Monitor Codoense 1895, noticiam que por meio de um voto atendido, onde o mesmo suplica ao santo o afastamento da epidemia de varíola da Vila de Codó, nos anos de 1890, esse fiel devoto se comprometeu a construir uma capela dedicada ao santo, e consegue realizar com o apoio dos moradores da Vila que posteriormente, em 1896, se tornou um município maranhense. Desse modo, para compreender o desenvolvimento da Comunidade de São Sebastião em Codó, é necessário conhecer o processo histórico de povoamento da cidade, as articulações e manifestações de cultura e religiosidade, sobretudo o catolicismo, do município, do Maranhão e do Brasil e compreender o contexto da festa para os devotos, paroquianos e visitantes nos dias de festa. Para isso, foram realizadas entrevistas orais com pessoas referências da comunidade, o padre e administrador paroquial de São Sebastião, pesquisas e leituras sobre a história local. As reflexões metodológicas sobre esse assunto se ampararam na bibliografia especializada e nos diálogos com autores: como Machado (1999); Costa (1985); Ribeiro (2015); Sousa (2016); entre outros.

Palavras-chave: Codó – MA. Festejo. Paróquia de São Sebastião. Religiosidade.

ABSTRACT

This study is entitled “History and Religion: The celebration of St. Sebastian in municipality of Codó, Maranhão State”, its objective is to analyze the emergence and growth of the festival in honor of St. Sebastian in the municipality of Codó, Maranhão State. We emphasize since the beginning of the celebration and construction of the chapel, where the completion records date from April 5, 1896, to the present moment, this parish has become one of the largest in the municipality, as well as in the Diocese of Coroatá. Several historiographic narratives circulate about its construction, some testimonies claim that this commemoration of the patron saint of the “upper part of the city” (currently St. Sebastian neighborhood) already existed. Others point out that it was with the migration of the Archer family, when they arrived in the city with business and political aspirations. And there is also the direct participation of Martiniano Coelho, whose historical records, such as the “O Monitor Codoense” Journal on 1895, report that through an answered vote, where he begs the saint to stop the smallpox epidemic in Codó Village, in In the 1890s. This faithful devotee undertook to build a chapel dedicated to the saint, and managed to do so with the support of the village's residents, which later, in 1896, became a municipality in Maranhão State. Thus, to understand the development of the Community of St. Sebastian in Codó it is necessary to know the historical process of settlement of the city, the articulations and manifestations of culture and religiosity, especially Catholicism, of the municipality, Maranhão State and Brazil and understand the Feast context for devotees, parishioners and visitors on feast days. For this, oral interviews were carried out with reference people in the community, the priest and administrator of St. Sebastian Parish, research and readings on local history. Specialized bibliography and dialogues supported methodological reflections on this subject with authors such as: Machado (1999); Costa (1985); Ribeiro (2015); Sousa (2016); among others.

Keywords: Codó - Maranhão State. Celebration. Parish of St. Sebastian. Religiousness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – CODÓ-MA: TRAJETÓRIA E EMERSÃO DA PARÓQUIA.....	15
1.1 CODÓ – CIDADE DE ENCANTOS: CENÁRIO DA FESTA, SUA HISTÓRIA E MEMORIA.....	15
1.2 DE CAPELA À PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO	20
1.2.1 A PRIMEIRA CAPELA	20
1.2.2 A SEGUNDA CAPELA	22
1.2.3 A PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO.....	26
1.3 A FAMÍLIA ARCHER	29
CAPÍTULO II - HISTÓRIA, MEMÓRIA, TRADIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO.....	33
2.1 SEBASTÓS: SOLDADO ROMANO E SOLDADO DE CRISTO	34
2.2 A ORGANIZAÇÃO DO FESTEJO EM CODÓ	36
2.3 TRADIÇÃO, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE.....	40
CAPÍTULO III - RELIGIOSIDADE CATÓLICA NO MARANHÃO E BRASIL	44
3.1 O CATOLICISMO NO MARANHÃO	45
3.2 OS FESTEJOS CATÓLICOS NA DIOCESE DE COROATÁ	48
3.3 OUTRAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS EM CODÓ.....	50
3.3.1 SÃO FRANCISCO	50
3.3.2. SÃO RAIMUNDO NONATO – TRIZIDELA.....	51
3.4 A DEVOÇÃO A SÃO SEBASTIÃO NO BRASIL	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
BIBLIOGRAFIA E FONTES ORAIS	56
ANEXOS.....	61

INTRODUÇÃO

A prática de festejar os santos católicos é bem antiga, sabe-se que os apóstolos de Jesus Cristo foram as primeiras referências cristãs que o povo, convertido ao cristianismo, seguiam e suplicavam por intercessão junto a Deus, o Pai celestial. De acordo com Chianca (2007) essas festividades foram trazidas para o Brasil pelos jesuítas ainda no século XVI.

Em si tratando de religiosidade, Siqueira (2010) diz que essa “é algo inerente à natureza humana e reside no âmbito dos sentimentos”. Assim, ela se faz presente nas sociedades pela necessidade que o indivíduo tem de encontrar uma resposta para o que foge de sua compreensão, precisam crer e encontrar sentido para suas vidas e o que nelas se apresentam.

Santos (2006) assegura que “a religiosidade é um evento cultural, uma produção ligada aos desejos, ao inconsciente individual e coletivo”. O que leva a compreender que é por meio da religiosidade que a humanidade busca se realizar e viver na crença de uma divindade que lhes agracia ou lhes pune mediante suas ações.

Para Borges (2010), a história religiosa do Brasil está diretamente relacionada as tradições herdadas do processo de formação da sociedade brasileira. Segundo ele, “As identidades sociais foram elaboradas pelas diferentes etnias que compuseram a sociedade e que, fundamentalmente, estavam ligadas às questões religiosas” (BORGES, 2010, p. 7).

De acordo com isso, compreende-se que religiosidade e cultura estão lado a lado na identidade dos povos, definem seus hábitos, costumes, a forma como se relacionam consigo mesmo, com o outro e com o meio em que vivem. Codó, como tantos outros municípios, também tem isso característico em seu povo, a religiosidade é elemento importante na história da formação da cidade e permanece viva na atualidade.

Assim, esse estudo se propõe a analisar a emersão da paróquia¹ São Sebastião em Codó e o desenvolvimento do festejo em honra a esse santo, pois várias são as narrativas historiográficas que circulam sobre sua criação que, sendo a segunda paróquia mais antiga, consegui reunir um grande número de fiéis durante o festejo que ocorre entre os dias 11 a 20 de janeiro, bem como durante todo o ano, a partir de sua programação de missas e datas festivas para a Igreja.

¹ De acordo com o Código de Direito Canônico, cân. 515 parágrafo 1, “paróquia é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio”. Parágrafo 3 “A paróquia legitimamente erigida goza pelo próprio direito de personalidade jurídica”. Fonte: ADAPOSTOLICA, 20/09/2017.

O festejo a São Sebastião, segundo as fontes encontradas existe há mais tempo do que a igreja dedicada ao santo, por outro lado, o povoamento na cidade alta se fez devida a fábrica de tecidos, que teve o Coronel Sebastião Archer da Silva (1883-1974) como um de seus principais colaboradores e não tarda a se tornar proprietário da mesma. Nesse espaço, toda comunidade se organiza religiosamente para não perder seus costumes e tradições e isso reafirma a compreensão de que a religiosidade é componente da estruturação de um povo, reflete no social, cultural e até no econômico das sociedades.

Com base no exposto, qual a origem do festejo a São Sebastião? Como a paróquia se desenvolveu no município? Qual a importância dessa festa na cidade? Que parte dessa história perdeu-se no tempo? Qual a verdadeira relação dos Archer nessa festa centenária de Codó à São Sebastião? Em meio ao que se ouviu da comunidade, nos livros e dos jornais encontrados que falam sobre o cotidiano e as atividades da capela, poucas são as referências de Sebastião Archer à capela.

Entretanto, é possível que não haja duas ou mais histórias sobre o início da festa a São Sebastião, é possível que todas as versões contadas sobre a festa e construção da capela sejam partes de uma construção histórica, que por não ter sido registrada e por ser contada por pessoas diferentes, cada uma fez referência a apenas uma das pessoas que integrou essa grande obra, é fato que ela não foi feita só por uma pessoa, porém as histórias contadas são sempre verdades parciais.

A partir do pensamento de Foucault (2006) pode-se conceber modos de verificação ou condições de possibilidade do verdadeiro ou falso. Ele questiona o paradigma de uma verdade absoluta, para o autor a “história das veridicções”, compreendida consoante as formas ou as condições de acordo com as quais é permitido o surgimento de discursos que podem ser considerados verdadeiros ou falsos, percebida como conjunto de regras de produção da verdade acerca de algo. (FOUCAULT, 2006, p. 235)

Importa salientar que muitos fatos ocorreram para que o glorioso santo se tornasse padroeiro da paróquia, tendo o dia 20 de janeiro – dia em sua homenagem – como feriado municipal. Cabe assinalar que, na memória dos fiéis, São Sebastião se tornou copadroeiro do município, mas não tem nenhum documento que oficializa esse título. Efetivamente, as padroeiras do município de Codó são: Santa Rita e Santa Filomena.

Toda a cidade acaba sendo mobilizada para essa data, os convites são lançados a todos e todas através das rádios locais, emissoras de tv's, carros de som que são contratados e patrocinados para a divulgação da festa, além das mídias sociais que a própria paróquia tem e compartilha com seus paroquianos. E, por ser um mês associados ao período de férias, a

cidade também recebe muitas pessoas de fora, isso ocorre também justamente pela festa ao santo, que já se tornou grande costume.

A comunidade paroquiana de São Sebastião corresponde ao bairro de mesmo nome, é um grande bairro da cidade, é centralizado em relação às outras paróquias e bairros e a igreja encontra-se junto a uma das maiores praças da cidade, além de também ser localizada na área de maior visitação, espaço de lazer e entretenimento para os moradores do município.

Para a realização desse estudo optou-se pela pesquisa documental de campo com entrevista coletadas, amparada pelo uso da história oral e de registros particulares de membros da comunidade. Foram realizadas entrevistas com os(as) paroquianos de São Sebastião em Codó, acompanhadas por um questionário aberto com questões essenciais para condução da pesquisa e compreensão dos fatos. Além disso, o trabalho é subsidiado pela bibliografia especializada e nos diálogos com autores que abordam e estudam a religiosidade, a formação das comunidades e, especificamente, os aspectos locais da formação do município de Codó.

Posto isso, esse estudo se divide em três capítulos, onde busca elencar e estruturar as informações obtidas sobre a formação da comunidade devota a São Sebastião e a criação da paróquia, a organização do festejo em honra a esse santo e os elementos que compõe essa festa que é representação ativa da religiosidade que compreende esse município.

O primeiro capítulo, intitulado *Codó – MA: Trajetória e emersão da paróquia*, descreve a origem e o desenvolvimento de Codó, seu povoamento e emancipação política. Apresenta também relatos históricos da criação das capelas de São Sebastião e quando a comunidade se torna paróquia, sendo a segunda mais antiga da cidade. E, faz um resgate histórico sobre a família *Archer* que, entre afirmações e negativas, possui influência no município e na região que comporta a paróquia e bairro São Sebastião.

O segundo capítulo denominado *História, memória, tradição e organização do festejos de São Sebastião*, faz um resgate da história de São Sebastião e a Organização do festejo na cidade de Codó, como as equipes de trabalhos são articuladas e como o trabalho coletivo e individual se faz essencial para a festa. Também discute sobre tradições, identidade e sociabilidade, o social e o religioso como elementos presentes nos festejos e nos atos religiosos da paróquia.

No terceiro e último capítulo nomeado de *Religiosidade Católica no Maranhão e no Brasil*, serão abordados aspectos gerais sobre o catolicismo a nível de estado, a Diocese de Coroatá e outros festejos católicos em Codó que refletem em toda a cidade. Além disso, faz um resgate histórico da devoção a São Sebastião no Brasil, onde evidencia a festa local e

reafirma a tradição festiva ao santo pela graça alcançada por Martiniano Coelho no século XIX.

Entende-se ainda, que essa temática é de grande valia para historiografia maranhense, em particular para os codoenses. Ela contribuirá para que os fiéis da paróquia em discussão, os munícipes, conheçam e reconheçam sua própria história. Efetivamente busca-se com esse trabalho, articulado entre História e Religião, colaborar para a pesquisa acadêmica dentro da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

CAPÍTULO I – CODÓ-MA: TRAJETÓRIA E EMERSÃO DA PARÓQUIA

1.1 Codó – cidade de encantos: cenário da festa, sua história e memória

Codó precisa surgir, aparecer, não isoladamente, com a sua geografia física, mostrar a sua formação genética, os elementos que sedimentaram a sua cultura, a sua história. Caminhar, formar, robustecer fisicamente e sua memória.

João Batista Machado

Historicamente, o município de Codó antes fazia parte da região Ribeira do Itapecuru; esse território era formado também por Caxias, Itapecuru Mirim e Vargem Grande. A área era habitada por povos indígenas como os Barbados, Guanarés e Gamelas (Timbiras), estes últimos, pela versão da história oficial, foram dizimados por colonizadores portugueses.

Terra produtiva, localização estratégica devido à passagem do rio Itapecuru, que possibilitava a navegação por entre as terras maranhenses, boa parte de seus nativos como forma de repúdio à presença do homem branco foram embora para o Pará, de onde pertencem suas origens (MACHADO, 1999).

Tudo estava favorável para os portugueses que, segundo a historiografia oficial, iniciaram o povoamento em 1780 (PORTAL CODO. MA. GOV. BR s/d)². Conforme Machado (1999, p. 24), os colonizadores: “trouxeram consigo o progresso, o desenvolvimento e a fartura com o trato da terra. O aglomerado luso deu origem ao surgimento do povoado Codó”. Este, por sua vez, possui diversas versões sobre o significado de seu nome.

Contam alguns estudiosos da matéria, como o saudoso professor Fernando de Carvalho, que o significado da palavra Codó traduz, “atoleiro, brejo, lugar encharcado”. O notável cientista Teodoro Sampaio, tecendo comentários sobre a palavra, afirmou que Codó significa, “arremesso de dardo”, pequenas lanças, usadas pelos índios. “Arremesso de dardo”. Outras versões existem. Fazemos menção à ligada ao francês Kodoc, afogado nas águas do Itapecuru, por volta de 1614. A mais antiga e ensinada nas escolas é que a palavra Codó teve a suas origens em uma ave chamada codorna, da família tinamidas, muito parecida com a perdiz, de carne saborosa de alto valor nutritivo. Afirmando outros pesquisadores que o nome Codó é originado do Sudão Setentrional Africano, onde fica localizada a cidade Kodok. De lá partiram os negros escravizados [...] (MACHADO, 1999, p. 34-5).

Não há uma versão oficial sobre o significado da palavra que deu nome ao povoado, mas é possível perceber que, em todas as opções apresentadas, há uma ligação direta com os diferentes grupos étnicos que povoaram essas terras, expressando de modo particular costumes ou origens de seus respectivos povos.

² Essas informações podem encontradas no site da Prefeitura Municipal de Codó. Disponível em: <<https://www.codo.ma.gov.br/dados-do-municipio>>. Acessado em 10/12/2019.

Particularmente, nos séculos XVIII e XIX, o povoado recebeu um grande número de pessoas negras escravizadas. E, não fugindo às características da realidade brasileira no período colonial, que se utilizou da mão de obras escrava dos povos africanos, a população negra trazida para Codó foi submetida ao trabalho nas lavouras, principalmente de arroz e de algodão – fato que transformou, por definitivo, a história social, política, econômica, e principalmente, cultural e religiosa dessa região.

Em contexto geral do Maranhão, esses dois produtos agrícolas foram significativos para o desenvolvimento econômico e responsáveis pelo povoamento do Estado que, conforme Ferreira (2015, p. 21), “a historiografia regional tende a pensar o Maranhão através de dois grandes processos: a frente litorânea e a frente pastoril”³:

A frente litorânea inicia-se com a ocupação dos franceses e, principalmente, portugueses no início do século XVII pela ilha de São Luís, em uma sociedade composta por brancos, índios e caboclos que vivem em torno de uma economia de subsistência. Desde meados do século XVIII, com as políticas pombalinas e a entrada maciça de escravos africanos, institui-se no norte do estado uma sociedade voltada para a agroexportação de arroz e algodão, com o acréscimo da agroindústria açucareira no século XIX.

A frente pastoril tem início provavelmente na primeira metade do século XVIII com a chegada de homens que guiam os caminhos do gado desde a Bahia, passando pelo Piauí e adentrando no sudeste da capitania do Maranhão, dotado de pastos bons para o gado. A historiadora Maria do Socorro Cabral (2008) assinala nessa área a constituição de uma sociedade do couro, notavelmente distinta daquela instituída no Norte (FERREIRA, 2015, p. 21-2).

Ao se tratar de Codó, desde a segunda metade do século XIX, esse território começou a atrair muitos imigrantes estrangeiros, a exemplo, os sírios e os libaneses. Estes contribuíram muito para o desenvolvimento do comércio e das relações agrícolas da região. Merece destaque, nesse período, o surgimento da indústria em todo o Maranhão, bem como no município de Codó⁴.

No período colonial, Codó destacou-se pela produção de algodão, tendo êxito na participação do processo de industrialização do Maranhão. A primeira indústria do município foi construída em 1892 e chamava-se Companhia Manufatureira e Agrícola, de propriedade de Emílio Lisboa, que posteriormente teve seu monopólio passado para Sebastião Archer, umas das grandes expressões políticas de Codó e do estado do Maranhão (PORTAL CODO. MA. GOV. BR s/d).

³ “Outros espaços do Maranhão não se enquadram nessa distinção norte (agroexportação) e sul (pecuária), estabelecida por outros estudos. O centro, sudoeste e noroeste¹² do estado apresentam processos distintos de constituição. Sua história é marcada pela experiência de índios, quilombolas e caboclos que vivem da lavoura, caça e coleta durante boa parte do século XX” (FERREIRA, 2015, p. 22).

⁴ “Codó: Destaca-se também, nesse contexto, o complexo têxtil da antiga Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, patrimônio que representa um período de importância econômica regional [...]” (SOUSA, 2016, p. 95).

Sob a Resolução Régia, de 19 de abril de 1833, esse território passa a ser chamado de Vila de Codó. Posteriormente, em decorrência de seu crescimento populacional, econômico e territorial, conforme a Lei Estadual nº 133, de 16 de abril de 1896, a mesma é elevada à categoria de cidade.

Desse modo, do ponto de vista geográfico, o município de Codó está localizado ao leste do Maranhão, na Região Territorial dos Cocais⁵. Limita-se com dozes municípios, dentre eles estão: Caxias, Timbiras, Peritoró, Coroatá, entre outros⁶.

Sobre a Região dos Cocais,

A maioria dos municípios do Território é cortada pelos rios Itapecuru, Parnaíba e Munim, apropriados para o transporte fluvial, o que favoreceu o seu povoamento no século XVII, portanto, municípios de ocupação antiga: Caxias (1811), Parnarama (1870) e Timon (1890). Os municípios de Lagoa do Mato e São João do Sóter foram instalados em 1997, os demais, na sua maioria foram criados na primeira metade do século XX (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2015, p.11-12).

De acordo com o IBGE, censo 2010, o município possui uma estimativa de 122. 859 habitantes e uma área de 4.361,344 km², dos quais 4,45 km² correspondem à zona urbana. Sua economia gira em torno da agricultura e extrativismo, principalmente na área rural, do comércio, da indústria e o serviço público que possui um grande número de colaboradores.

Veja o mapa do município:



Figura 2: Localização do município de Codó no estado do Maranhão. **Fonte:** Google

⁵ Região localizada ao leste maranhense que abrange 17 municípios: Afonso Cunha, Aldeias Altas, Buriti Bravo, Caxias, Codó, Coelho Neto, Coroatá, Duque Bacelar, Fortuna, Lagoa do Mato, Matões, Parnarama, Peritoró, São João do Sóter, Senador Alexandre Costa, Timbiras e Timon. “Ao observar os dados coletados no Censo Demográfico 2000 e 2010, nota-se o aumento da população total que passou de 681.591 em 2000 para 768.832 em 2010, uma variação de 12,80%. Com relação à população rural, houve um acréscimo de 91%” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2015, p.01-02).

⁶ Os outros municípios que fazem limite com Codó são: Aldeias Altas, São João do Sóter, Governador Archer, Gonçalves Dias, Chapadinha, Dom Pedro, Santo Antônio dos Lopes e Capinzal do Norte.



Figura 1: Município de Codó. Imagens de satélite. **Fonte:** Google Maps.

No ano de 2020, o município de Codó completou 124 anos de emancipação política, porém, sua história é bem mais antiga e cheia de fatos que contam a vida de vários povos com suas múltiplas identidades e que acabaram por compor etnicamente e identitariamente essa localidade.

Para Sousa (2016, p. 88), deve-se “pensar Codó na perspectiva de uma África maranhense”. Refletir sobre essa condição “é fazer emergirem as experiências e culturas dos sujeitos” (Ibidem). Ela é internacionalmente conhecida como referência à cultura e religião afro-brasileira. Sobre isso, Ribeiro (2015) delinea, em seu texto, os inúmeros conceitos, preconceito e estereótipos que a cidade possui, por conta de sua identidade hegemônica afro. Nesse sentido, passamos a refletir o município “[...] como esse lugar que possui tantas outras cidades dentro de si, cidades simbólicas que se entrelaçam nesta cidade real” (NUNES, Apud, RIBEIRO, 2015, p. 44).

Assim, é possível descrevê-la como uma cidade híbrida, haja vista a sua diversidade cultural e religiosa, que possui características próprias, herança dos povos indígenas, europeus e africanos, com seus respectivos costumes e manifestações religiosas.

É nesse contexto cultura afro-religioso que a cidade de Codó [...] é conhecida, nos meios populares e acadêmicos, por sua forte influência cultural religiosa de populações negra em seu território. Com a classificação de ‘Terra de Macumbeiros’ pelo senso comum – taxaço preconcebida – acaba por cair em um preconceito pejorativo e perdendo o seu verdadeiro valor cultural, ou seja, ser uma cidade onde as práticas religiosas de natureza africana são bastante intensas, instigando alguns estudiosos a desenvolver pesquisa sobre essa manifestação religiosa. A partir dos anos 90, essa suposta fama da cidade voltada para uma religião de matriz africana, denominada Terecô, ganhou uma maior visibilidade, principalmente nos meios de comunicação de massa (NUNES, 2010, p. 9).

Em se tratando de religiosidade, especificamente o Cristianismo, discorre a história que Padre João Villar foi o primeiro missionário a pisar em solo codoense. Enviado pela Companhia de Jesus, em 1688, este chega a essas terras, para trabalhos missionários, inicialmente no Pará, no Xingu. Depois, retornou ao Maranhão e foi enviado em missão catequética para a Aldeia da Paz de São Miguel, atualmente município de Rosário (COSTA, 1985; MACHADO, 1999).

Acompanhado de Padre Gonçalo Pereira, o Irmão Antônio Gonçalves, o Capitão Francisco Soares Pinto e oito índios Guanarés, estes chegam ao rio codozinho, onde decidiram pernoitar. Porém, foram surpreendidos com um ataque dos povos indígenas que ali viviam: os Barbados e Guanarés. O ataque resultou na morte do Padre João Villar e de todos que o acompanhavam, em 26 de agosto de 1719.

Passada essa trágica ocasião, registra-se a primeira capela na Vila Codó, no século XIX, sua devoção foi destinada inicialmente a Santa Rita; posteriormente, em 1859, fora também atribuída a Santa Filomena, tornando-se assim as duas padroeiras de Codó.

A paróquia de Codó foi erigida aos 8 de maio de 1835 [...]. Para nós codoenses é uma data histórica que deve ser ensinada à juventude codoense, para não ficar esquecida nos alfarrábios empoeirados, mas festejada sempre nos corações por nós e pelas gerações vindouras, em manifestações de fé vigorosa e imbatível (COSTA, 1985, p. 9)

[...] foi em 1859 que a paróquia recebeu a segunda Padroeira, porque o comendador Luiz José Henriques, consoante César Marques, construiu outro templo dedicado a Santa Filomena e fez a sua devoção à Província do Maranhão, sob a condição de Santa Filomena ser também Padroeira de Codó [...] (COSTA, 1985, p. 15-16).

A vila Codó era conhecida como parte alta e baixa. E, no Alto da Fábrica, situada na parte alta da vila, uma nova capela é construída, porém, não foram encontrados registros com datas específicas do início e do fim de sua construção. É nessa capela, do outro lado da vila que começa a história dos festejos em honra a São Sebastião. O jornal Monitor Codoense, periódico da época, fala da abertura do festejo de 1895 e mostra o quanto as festividades eram bastante participativas e que atraíam os moradores da localidade e de outras regiões próximas.

Começou no dia 4 do corrente com grande esplendor a festa do Glorioso Martyr S. Sebastião, na capella particular do nosso distincto amigo Martiniano José Coelho. É grande a affluencia de povo que tem concorrido ao novenário. O largo acha-se vistosamente embandeirado. Estamos informados que, nos últimos tres dias, haverá lindos fogos de artificios, balões, &. A banda de música <<Recreio dos Operários>> executará maviosas peças do seu escolhido repertório (JORNAL MONITOR CODOENSE, 1895).

Faz-se referência ao ano de 1895, porém, por meio desse e de outros jornais codoenses, é possível compreender que a festa já era realidade na vila. Em 1893, o *Gazeta de Codó*, outro noticiário da época, faz publicação sobre o festejo e acrescenta que esse evento já acontecia há muitos anos na vila Codó.

Assim, ainda é desconhecida a data que essa festividade teve início. O que a comunidade considera como uma verdade é que, devido à construção e funcionamento da fábrica de tecidos, inaugurada em 1892, as pessoas foram se aglomerando nas proximidades da mesma e ali fincando suas raízes, praticando suas religiosidades e compartilhando seus costumes.

A partir deste e de outros registros, e por compreender a proporção que esse festejo ganhou no município, é que consideramos importante conhecer sua história e como esta contribui para a vida dos munícipes e, principalmente, de seus paroquianos e paroquianas.

Codó possui atualmente sete paróquias⁷ e, apesar de não ser a mais antiga, a atual Paróquia São Sebastião é a mais conhecida da cidade. É essa que se sobressaiu e assumiu o papel de grande peso no que diz respeito à fé cristã e tornou-se referência para a comunidade católica, bem como cartão postal do município.

1.2 De capela à Paróquia São Sebastião

1.2.1 A primeira capela

A primeira capela dedicada a São Sebastião se apresenta, tanto em registro orais quanto escritos, como construída ainda no século XIX. Segundo Machado (1999, p. 112), tem-se como data de conclusão da obra o dia 05 de abril de 1896, dia em que o Frei David, missionário Capuchinho, benzeu a capela sob autorização do Bispo D. Antônio Cândido Alvarenga (1836-1903).

[...] O ato foi festivo, com o comparecimento de centenas de pessoas e das ordens religiosas locais.

O pequeno, mas simpático Templo de Deus foi construído graças às esmolas arrecadadas, junto aos fiéis e devotos de São Sebastião.

O Sr. Martiniano José Coelho teve relevante desempenho na ereção da Capela, como tesoureiro controlava os gastos e a arrecadação. Agia como um verdadeiro técnico orçamentário (MACHADO, 1999, p. 112-113)⁸.

⁷ As outras paróquias de Codó são: Paróquias Santa Rita e Filomena, Paróquia Santa Teresinha, Paróquia São Raimundo, Paróquia São Francisco, Paróquia São Pedro e Paróquia Santo Antônio.

⁸ Nos Jornais aparecem Antonio Martiniano Coelho e, às vezes, José. Entendemos que são duas pessoas.

Tanto Machado (1999) quanto jornais da época apresentam o Capitão Martiniano José Coelho como um dos responsáveis pela construção da capela. Ele fizera um voto de construí-la mediante uma graça alcançada. Como devoto fiel do santo glorioso, pessoalmente, trabalhava para que todos os anos a festa acontecesse e, junto à comunidade, buscava os recursos e patrocínios necessários para a concretização de seu voto.

Contudo, em 1919, o jornal Correio do Codó, em um de seus exemplares semanais, faz referência ao senhor Manoel da Costa Nogueira, um “artista da marcenaria”, como sendo o propagador da festa, e que o senhor Martiniano José Coelho, por ser devoto, teria dado continuidade ao festejo, o que leva a compreender que, mesmo antes da construção da capela, já haviam noites de novena dedicada a São Sebastião.

Outras edições do jornal Monitor Codoense, em 1895, mostram o empenho do “Capitão Martiniano Coelho” na construção da capela. O jornal também contribui fazendo publicações sobre suas necessidades e pedindo doações aos moradores de Codó para a referida obra.

Informamos mais que o povo muito o tem auxiliado na construção, já na condução dos materiais e já prestando outros serviços.

Contudo, não é só precisa a continuação dos seus auxílios, mas também, são necessárias mais esmolas pecuniárias para a consecução do piedoso objetivo. Chamamos, pois, a atenção dos fieis para que auxiliem-no; e, por nossa parte, nos encarregamos de transmitir ao sr. capitão Martiniano qualquer quantia, que por nosso intermédio, enviem no sentido aludido (MONITOR CODOENSE, 7 de setembro de 1895, p. 4).

Desse modo, com a ajuda da comunidade, devotos e benfeitores, e o empenho de Martiniano José Coelho de cumprir seu voto, a primeira capela de São Sebastião em Codó é construída e, por ocasião da páscoa, em 1896, esta é benzida e assim inaugurada.

Segundo Machado (1999), outras pessoas foram escolhidas para cuidar da capela, já não seria o autor da construção que seria responsável por zelar e administrar a mesma. E, uma publicação no Jornal Monitor Codoense, na edição de 01 de fevereiro de 1896, relata existir um conflito entre o sr. Martiniano José Coelho e o vigário da época, o Padre Manoel Evaristo Ribeiro de Mendonça.

Segundo a publicação do Jornal, o padre não era a favor da construção da capela e considerava o ato de Martiniano “um acinte a autoridade religiosa, uma desobediência formal à Igreja” e em sua defesa alega o autor da construção que “o padre Mendonça votava-lhe ódio pessoal e por isso o combate à sua obra”.

No entanto, não há registro desse desentendimento nos outros documentos estudados e Machado (1999), por sua vez, fala sobre a alegria do vigário Pe. Mendonça pela finalização

da obra. O autor ressalta ainda a festa de inauguração da capela e sobre a imagem de São Sebastião, transladada da matriz de Santa Rita e Santa Filomena até sua nova morada, no alto da fábrica:

Capela pronta e benta faltava a imagem do Santo evocado pelos fiéis. É quando São Sebastião é transladado em grande procissão da Igreja da Matriz. Ouviam-se cânticos e benditos sacros entoados pela grande multidão que acompanhava o Santo.

Faltavam pessoas de elevação espiritual para administrar o novo Templo. O Padre, após ouvir as irmandades religiosas, escolheu para administrar a nova Capela os cidadãos: Major Alcibiades d'Aguiar Silva, Miguel Oliveira Neto e Raimundo Pereira Costa. Empossados, prestaram juramento de bem administrar e zelar pela manutenção do Templo (MACHADO, 1999, p.113).

O relato desse conflito abre interpretações a respeito da veracidade das informações que a comunidade paroquiana de São Sebastião possui sobre sua própria história⁹. E, dentro desse leque de investigações, é possível que, pelo conflito com o vigário, que recebe interferência do bispo arquidiocesano, a história alimentada tenha sido parcializada em favor de um mais do que do outro e, também por isso, outras pessoas tenham recebido os cuidados para com a capela.

É importante destacar que a primeira capela de São Sebastião não se localizava onde a atual está. Mas sim, no local que atualmente refere-se às ruínas do prédio da extinta Maternidade Mamãe Neide, conhecida também como antiga SAMEC (Serviço de Assistência Médica e Hospitalar de Codó), do outro lado da Avenida Augusto Teixeira.

Outro fator a considerar é que durante a pesquisa de campo, alguns paroquianos revelaram que nessa mesma capela celebravam-se outros santos. Também com novenas, festas, leilões, entre outros costumes a comunidade fazia memória a santos como Santo Antônio, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, entre outros.

1.2.2 A segunda capela

Com o aumento populacional da cidade, principalmente na parte alta, onde se festeja São Sebastião, a pequena capela já não comportava o número de fiéis que se fazia presente nos momentos de festa e celebrações. Além disso, havia necessidade de reforma e manutenção da mesma para que esta continuasse de pé. Mobilizados pela fé, devoção e, diante da necessidade de reparos na capela, os próprios moradores da cidade alta começaram a se organizar para reformar a capela dedicada ao santo.

⁹ Durante o trabalho de campo, as pessoas entrevistadas não souberam informar sobre o senhor Martiniano e como iniciou o festejo, a memória passada de geração em geração tornou-se seletiva.

Surge, então, a ideia e oportunidade da construção da nova capela. De acordo com Machado (1999), o coronel Sebastião Archer – principal acionista da fábrica de tecidos de Codó, a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão e também devoto ao santo de seu nome – doa um novo terreno para a comunidade e contribui para a construção da nova capela¹⁰.

[...] Apareceu um incentivador entusiástico e benemérito da obra: Sebastião Archer da Silva. Avocou a si os encargos da construção. Exigia pressa, mas com perfeição. Convocou e contratou os melhores pedreiros como Abdias Sousa e para mestre de obra Raimundo Alexandrino Soeiro (MACHADO, 1999, p. 113).

Contudo, ainda que Sebastião Archer tenha contribuído para a construção da nova capela, um grande orgulho ecoa dos paroquianos e paroquianas de São Sebastião, ao relatarem que foram os próprios fiéis, devotos de fé e amor pela igreja, que fizeram a capela ser erguida. Assim, abraçada de benfeitorias dos próprios moradores, sua construção é registrada com início em 1932, trinta e seis anos após a inauguração da primeira capela. Costa (1985) descreve sobre essa realidade:

Em 1932, chegou a estas plagas, também como Cooperador o Pe. Eurico Pinheiro Bogéa e foi residir no Alto da Fábrica. A 30 de outubro de 1932, o Pe. Bogéa benzeu e assentou a pedra fundamental da nova Igreja gótica de São Sebastião, já que a velha capela, ao lado do atual SAMEC, ameaçava ruir. Durante dois anos ficou o Pe. Bogéa em Codó, morando no Alto da Fábrica (COSTA, 1985, p. 19).

Conforme ouviram de seus familiares e amigos que participaram desses momentos, moradores do bairro relatam que, diante da necessidade, os próprios fieis corriam atrás de doações dos materiais necessários para a construção. Afirmam ainda que muitas eram as pessoas que carregavam pedras na cabeça; entre elas, havia homens, mulheres e até mesmo as crianças que contribuía como podiam, doavam materiais diversos para a construção como tijolos, areia, sacos ou quilos de cimento, entre outros. As imagens a seguir tratam da construção e da reforma na igreja, em 2012:

¹⁰ “O coronel Sebastião Archer, chamou Raimundo Alexandrino Soeiro, contratou-o como empreiteiro da obra, juntamente com o Cônego Evaristo de Mendonça, que mais tarde, se tornou Intendente do Codó em (1890 – 1904) providenciou a planta do templo religioso e levantaram o seu custeio. O coronel e os paroquianos do Alto da Fábrica puseram-se a trabalhar. O Jornal Monitor Codoense doou o terreno, para a edificação do templo religioso” (MACHADO, Apud. TRINDADE, 2015).

Figura 3: Construção da Nova Igreja São Sebastião. Da esquerda para a direita: Mário Veiga, Haroldo Veiga, Durval Lago e Clóvis Godinho



Fonte: https://www.facebook.com/Codo_Maranhao/photos/.¹¹

Figura 4: Igreja São Sebastião antes e depois da reforma de 2012 respectivamente, praça São Sebastião (antiga praça Palmério Cantanhede).



Fonte: Google imagens

A entrevistada Joadilina Gaudência da Silva Fortaleza, mais conhecida como Dona Lila, 77 anos, leiga atuante em diversos grupos e atividades pastorais, reconhecida por todos como “um dos tesouros da paróquia” por ter dedicado sua vida às necessidades da comunidade paroquial São Sebastião, relata sobre o que ouvia em relação à construção:

[...] Raimunda Oliveira, que era mãe do Zé Inácio, ela disse que todo domingo, sete horas da manhã todo mundo ia para a igreja, quando terminava a missa todo mundo ia buscar pedra naqueles altos por ali onde

¹¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/Codo.Maranhao/photos/a.549008845229531/598715663592182>>. Acessado em 12/11/2020

tinha pedra, até os meninos, quem podia trazer uma grande trazia ou uma pequena. E assim foi construída a igreja São Sebastião, foi com a ajuda do povo, doando material, como tem também a história do seu Abelardo que foi quem construiu boa parte dela (FORTALEZA, 2020).

A professora Maria da Conceição Ribeiro, representante da Pastoral Litúrgica Paroquial, relata que, segundo as informações de pessoas que trabalharam na construção da nova capela, a mesma teve sim grande contribuição da família Archer. Registra ainda que, como na antiga capela se festejavam diversos santos católicos e, pela ocasião da nova igreja, o Coronel Sebastião Archer propõe que esta seja dedicada ao santo de sua devoção e a comunidade diz sim a seu pedido.

Antes da Construção, no lugar onde era o hospital SAMEC, festejava São Sebastião, Santo Antônio, São Benedito e esses festejos eram realizados pelo senhor Sebastião Archer e com a construção da paróquia, depois de pronta, que santo dá o nome à paróquia? Então, resolveram com o sim das pessoas da comunidade, o senhor Sebastião Archer com o sim das pessoas da comunidade resolveu colocar o nome de São Sebastião já que era dos santos que festeja e também era o santo do seu nome. Fica aquela coisa, se a comunidade dizer não, o que ele vai fazer? Vai ficar barrando? Porque a influência ele tinha no período (RIBEIRO, 2020).

Outra entrevistada, a professora Antônia Maria Paiva Cruz, Coordenadora da Catequese Paroquial, apresenta seus conhecimentos sobre a construção da capela e afirma que não aconteceu rápido, haja vista que, mais uma vez, a mesma sobrevivia das doações dos próprios fiéis e benfeitores da cidade:

Eu sei que minha madrinha dizia que durou muito tempo a construção, porque não foi assim logo, uma coisa assim rápida, porque não tinha um padre, porque não era paróquia, era decisão dos leigos fazer. Ela relatou que era realmente o povo que queria a construção de uma igreja maior para abrigar e que possivelmente fosse uma paróquia, a intenção era essa também (CRUZ, 2020).

Além das doações dos materiais necessários para a construção, havia também os pedreiros e ajudantes, que eram pessoas da comunidade que trabalhavam voluntariamente na obra. Durante a pesquisa de campo, foram pedidos que se fizessem referências às pessoas que mais contribuíram para com a capela, os nomes que mais apareceram foram: Alcebíades, seu Abelardo, Dédima (conhecida por Dezinha), Zé Rosa, Raimunda Oliveira (Guimarães), Miguel Neto, Raimundo Costa entre outros. Esses, segundo os relatos, foram pessoas que vivenciaram e se doaram à construção da nova Igreja de São Sebastião.

Não foi possível encontrar registro com a data de conclusão da nova igreja, porém, Costa (1985) faz referência a primeira missa que foi realizada no novo templo em 1938, no

festejo de São Sebastião, mês de janeiro. Já nas conversas com membros da comunidade, os mesmos relatam que o fim da obra se deu em 1950, e afirmam que foram as pessoas que contribuíram com a construção da igreja que lhes deram essa informação, quando ainda eram vivos.

Uma coisa não inviabiliza a outra, mesmo que a capela não estivesse finalizada, as missas e os atos religiosos poderiam já ocorrer na capela. O templo permanece até hoje, reformado e zelado pelos paroquianos e paroquianas de São Sebastião, conforme as imagens a seguir.

Diante do exposto, em relação ao conhecimento geral que a comunidade paroquial tem referente à construção da Igreja São Sebastião, emergem vários questionamentos: “Se Sebastião Archer estava envolvido na construção da capela e obtinha recursos para o custeio da mesma, por que foram necessários tantos anos para a sua conclusão? E, por que tantos pedidos de doações de materiais e mão de obra advindas dos próprios moradores da comunidade?”.

Nesses termos, percebe-se que a história caiu numa teia de repartições, as afirmações ficaram incompletas. Entretanto, pode-se chegar a um ponto comum ao ser entendido que, pela influência econômica e política que tinha na época, Sebastião Archer ganhou destaque pela doação do terreno e possíveis contribuições nos custos da obra da capela. Mas, compreendemos que, com o apoio inicial do padre Bogéa e depois, organizados em prol de um bem comum, os próprios devotos e devotas de São Sebastião conduziram a construção.

Isso não seria inédito nas histórias de construções de templos religiosos, mas ganha notoriedade para essa comunidade pelo orgulho que demonstram ter quando falam de sua história. É esse lado, na história das capelas, que eles e elas nunca deixam de contar, é a parte mais conhecida. Compreende-se, com isso, que é pela necessidade de manterem vivos os nomes e benfeitorias de fiéis que por não terem influência política ou econômica não são destaque nos contos históricos da cidade, mas contribuíram significativamente com a história da religiosidade de uma grande parte da população desse município.

1.2.3 A Paróquia São Sebastião

“O paroquiano, ele deve, ele pode e ele tem o direito de saber tudo sobre sua paróquia”.

Dona Adorívia

Segundo os relatos da comunidade paroquiana de São Sebastião, bem como os livros que falam sobre a igreja em Codó, há uma divergência no que se refere à data em que essa se

torna paróquia. Enquanto alguns informam quase sessenta anos, outros registram que é apenas trinta¹².

Contudo, a partir das referências que foram encontradas no livro de tomo da Paróquia São Sebastião, livro este apresentado pelo então administrador paroquial Pe. José Orlando, SAC¹³, em 1989, sob os cuidados do vigário pe. Raimundo Baiano Tibére, esta se apresenta na condição de *quase-paróquia*. Conforme dito anteriormente, de acordo com o Código de Direito Canônico, Cân. 516, é “uma certa comunidade de fiéis na igreja particular, confiada a um sacerdote como a um pastor próprio e que, em virtude de circunstâncias peculiares, ainda não foi erigida como paróquia”.

Nos escritos de Pe. Raimundo Baiano a quase-paróquia São Sebastião abrangia um território bem maior que o atual, haja vista que, nesse período, só havia a paróquia Santa Rita e Filomena na cidade e a mesma não supria sozinha as necessidades pastorais do município.

Ainda segundo o livro tomo da paróquia bem como afirmações dos paroquianos de São Sebastião, até o ano 1989, todos os documentos, cerimônias e atos religiosos estavam vinculados à matriz de Santa Rita e Filomena – o que significa dizer que até então São Sebastião ainda não era paróquia, ainda não havia personalidade jurídica.

Todavia, Costa (1985) fala que a data de sua elevação à paróquia é bem mais antiga. Segundo ele, a paróquia foi criada em 16 de junho de 1960 e teve como vigários os padres José de Freitas Costa, de junho de 1960 a junho de 1963, e o Côn. Alterado de Junho de 1963 a outubro de 1965.

Somado a isso, no livro História Eclesiástica do Maranhão (1969), registra-se como data de ereção a paróquia o dia 16 de junho de 1960, o que foi possível obter de informações da Cúria Diocesana e da Arquidiocese de São Luís sobre esse fato é que a data supracitada é a correta. Assim sendo, a comunidade paroquial São Sebastião existe há mais tempo que a Diocese de Coroatá, que possui apenas 44 anos, e foi criada pela então Arquidiocese de São Luís.

Costa (1985), Machado (1999) e as demais fontes históricas afirmam que essa foi a data que a igreja São Sebastião se tornou paróquia. Porém, a partir dos depoimentos de

¹² Com a pandemia, não foi possível obter acesso aos livros de tomo da Igreja matriz de Santa Rita e Santa Filomena que, por ser a igreja mais antiga do município de Codó, deve possuir as informações pertinentes à criação da nova paróquia na cidade alta. Assim, também, não foram conseguidos dados sobre tal ato tanto na diocese de Coroatá quanto na arquidiocese de São Luís, onde possivelmente se teriam datas e informações desse período.

¹³ Sociedade do Apostolado Católico-SAC, também conhecidos como irmãos palotinos, é uma comunidade internacional de padres e irmãos, fundada por Vicente Pallotti, na cidade de Roma em 1835. SAC – Sociedade do Apostolado Católico. Disponível em: <<http://palotinos.blogspot.com/2008/09/o-que-sociedade-do-apostolado-catlico.html>>. Acessado em 12/12/2019.

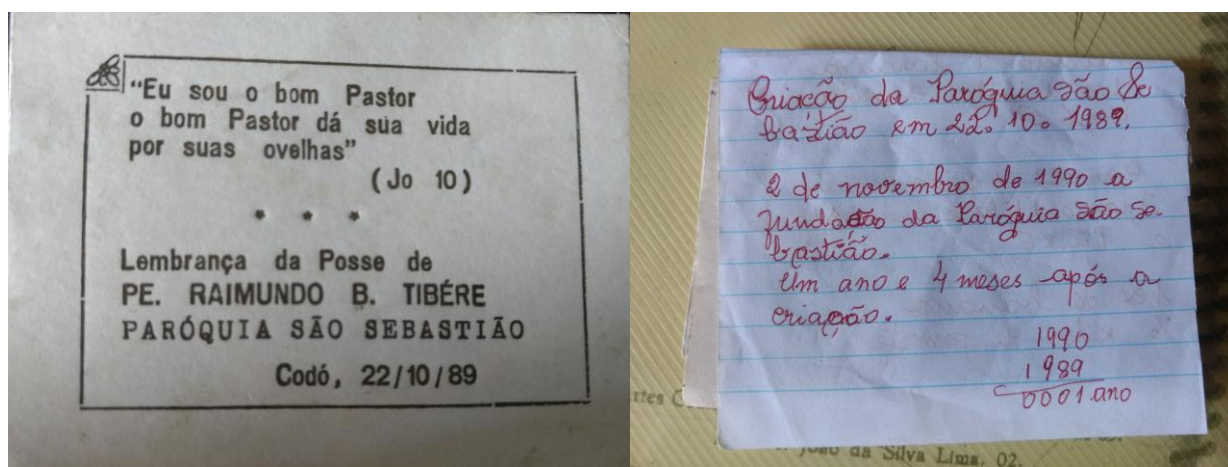
membros da comunidade, pode haver um equívoco quanto à veracidade dessas informações. Novamente, a professora Conceição diz:

Se tornou paróquia em 1989. Veja só, muitas pessoas pensam que uma igreja se torna paróquia a partir do momento que ela está funcionando. Pra tu ver, São Pedro, faz tempo que está construída, mas não era paróquia. Não passou a ser paróquia um tempo desse?
A Meire, ex-esposa do Medeiros, ela confirma isso, era secretária da paróquia, todos os documentos daqui, pertenciam à matriz. Eu fui batizada, se eu quiser meu batistério eu vou lá na matriz, todos os documentos anteriores a esse ano aí você tem que ir lá na matriz, porque pertenciam à matriz (RIBEIRO, 2020).

Diante das informações obtidas e pelas impossibilidades de acesso efetivo a documentos na cúria diocesana, permanece incerta a data que oficialmente a Igreja São Sebastião torna-se paróquia. Através das fontes materiais encontrados, e aqui mencionados, é registrado o ano de 1960, porém, é possível acreditar ainda que essa data seja a de 1989, haja vista os registros no livro de tombo, afirmações de paroquianas, inclusive da antiga secretária e depoimento das pessoas entrevistadas, como Dona Adorívia Gonçalves Rolim, que diz que em 1972, padre Lula era vigário¹⁴ e a igreja de São Sebastião ainda não era paróquia.

Sendo fiel aos objetos e anotações que mantém guardados, essa mesma senhora, apresenta um pequeno cartão-lembrança que recebeu na posse de Padre Raimundo Baiano Tibére, em 1989, (vide figura 05). Mostra também (figura 06) um rascunho de suas anotações sobre a criação da paróquia, quando passa a ser chamada de quase-paróquia e quando essa concretiza-se como paróquia.

Figuras 05 e 06: Cartão-Lembrança da posse de Pe. Raimundo Baiano Tibére em 1989 e Rascunho da criação da paróquia São Sebastião, respectivamente.



¹⁴ Segundo o site da Paróquia Nossa Senhora Rainha, da Arquidiocese de Belo Horizonte, vigário é “aquele que substitui o outro”. Portanto, é um padre auxiliar, não é o responsável primeiro pela paróquia e suas atividades, mas sim um ajudante para o padre responsável que recebe o nome de pároco, “o pastor da paróquia” o responsável geral. Na não existência de um pároco na paróquia, essa fica sob responsabilidade do bispo diocesano e este nomeia um vigário para que atenda às necessidades da paróquia, mas sob suas orientações.

Dona Adorívia alega que não sabe se, de fato, é essa data, mas desconhece a possibilidade de antes desse período a comunidade de São Sebastião já ser uma paróquia e também não acredita que tenha como uma paróquia perder o título e depois ser criada novamente. E somente isso justificaria, em 1960, a comunidade já ser uma paróquia.

Ressalta-se ainda que houve um grande período que a igreja São Sebastião ficou sem padre. Durante esse período, quem manteve as atividades e programações da mesma foram os próprios fiéis e devotos de São Sebastião. Destaque ao Apostolado da Oração¹⁵ que, conforme relata toda a comunidade, abraçou a igreja e fazia tudo que podiam para que nenhuma atividade ou grupo enfraquecesse diante da inexistência de um padre para lhes conduzir, aconselhar e liderar.

Em especial, foram destacados nomes como: Francisco Bernardino, Francisca Moraes, seu Antenor, dona Violeta, dona Adorívia, dona Lila, seu Joaquim, Dona Pipi e outros membros do Apostolado da Oração.

Dada a criação da paróquia, essa precisa essencialmente que tenha um padre, seja como vigário ou como pároco, para administrá-la e conduzir a comunidade nos trabalhos pastorais e de evangelização. Assim, outro fator que contribui para a veracidade da informação de que a paróquia tem sua data de criação em 1989 é a sequência de padres que por ela passou, desde a posse do Padre Raimundo Baiano, são eles: Pe. Raimundo Baiano, Pe. José Pellegrini, Pe. Moraes, Pe. Aroldo, Pe. Zezinho, Pe. Jacob Wasensteiner, SAC, Pe. Jorge Willame, Pe. José Orlando, SAC e Pe. Antonio Diogo, SAC.

1.3 A família Archer

Tanto na história de Codó, de modo geral, como na história da Paróquia São Sebastião, há fatos que apresentam a família Archer como pessoas importantes no processo de construção e desenvolvimento do município. Sempre se ouviu na cidade que essa igreja, e agora paróquia, é realidade graças às bem feitorias de Sebastião Archer e sua família.

Além disso, essa família possui um legado político e empresarial no município de Codó, a começar pela chegada de Sebastião Archer da Silva, em 1908, para o gerenciamento

¹⁵ Segundo o site Apostolado da Oração no Brasil, é uma rede mundial de oração a serviço dos desafios da humanidade e da missão da Igreja, expressos nas intenções mensais de oração do Papa. Criado em 03 de dezembro de 1844, pelo Pe. Francisco Xavier Gautrelet e jovens jesuítas do seminário na cidade de Vals, na França. Apostolado da Oração. Disponível em: <<https://aomej.org.br/quem-somos>>. Acessado em 12/12/2019.

da Companhia Manufatureira e Agrícola. Posto isso, é de grande relevância conhecer a trajetória de Sebastião Archer e dos demais familiares.

Sebastião Archer da Silva nasceu em São Luís no dia 26 de março de 1883, filho de Raimundo Archer da Silva e de Filomena Coelho e Silva. Estudou no Ateneu Paraense, em Belém. Vereador no município de Codó (MA) em 1915, tornou-se deputado estadual no Maranhão em 1924 e exerceu de 1935 a 1941 a prefeitura de Codó. Após a extinção do Estado Novo (1937-1945) foi eleito governador do Maranhão na legenda do Partido Proletário Brasileiro (PPB) em janeiro de 1947. Tomou posse em abril do mesmo ano, recebendo o cargo das mãos do presidente da Assembléia Legislativa do estado, João Pires Ferreira, que quatro dias antes fora empossado interinamente em substituição ao interventor Saturnino Belo. Durante sua gestão, foi promulgada, em julho de 1947, a nova Constituinte estadual. Em janeiro de 1951 encerrou seu mandato, transmitindo o governo a Eugênio Barros (FGV – CPDOC, s/d)

Sebastião Archer filiou-se ao Partido Social Democrático (PSD) — sigla partidária da qual se tornou membro do diretório regional maranhense e do diretório nacional. Na campanha eleitoral de outubro de 1954, elegeu-se Senador da República, tomando posse em fevereiro do ano seguinte.

Integrou nessa legislatura, como membro efetivo, as comissões de Legislação Social, de Saúde, de Serviço Público, de Transportes, de Viação e Obras Públicas e de Redação, da qual foi vice-presidente, sendo ainda suplente da Comissão de Economia do Senado. Reeleito em outubro de 1962, foi escolhido terceiro-suplente da mesa do Senado em 1967 e exerceu o mandato até janeiro de 1971. [...] Faleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 25 de agosto de 1974. Foi casado com Maria José Bayma Archer da Silva. Seus filhos Remi Archer e Renato Archer também seguiram a carreira política. Remi foi senador pelo Maranhão de 1955 a 1957 e em 1958 e 1959. Renato foi deputado federal pelo Maranhão de 1955 a 1968, quando teve o mandato cassado (FGV – CPDOC, s/d).

Ricardo Archer da Silva (1952-2020¹⁶) – neto de Sebastião Archer, empresário e político no município – relatou um pouco sobre os conhecimentos que possui acerca de sua família e das colaborações de seu avô para com a cidade e a igreja São Sebastião. Em relação à devoção de seu avô, ele diz:

Meu avô era muito católico e ele gostava muito de festejos, gostava muito de agrupar o povo, bater papo, conversar, ele era um político nato. Inclusive ele construiu na época, ele construiu essa igreja, foi feita pela manufatureira, que era a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, que era a fábrica de tecidos e a igreja foi feita exatamente pensando nisso aí. E era em frente a casa dele, que ele morava no sobrado.

¹⁶ Ricardo Archer concedeu essa entrevista em março de 2020, alguns meses antes do seu falecimento em julho do mesmo ano, por complicações da Covid-19.

A capela era lá (fazendo referência e apontado para o prédio da antiga SAMEC, do outro lado da avenida Augusto Teixeira) aí meu avô fez essa aqui (apontando para a atual igreja), construiu a igreja. Mas o festejo começou lá, não tinha nada, eu mesmo peguei isso aqui não tinha nada só tinha umas árvores aqui, era terra, chão batido, aí faziam festejos no final do ano todo mundo juntava fazia aquelas programações de interior, antigas que eram muito interessantes e depois em janeiro, a festa de São Sebastião (SILVA, 2020).

Quando questionado sobre o senhor Martiniano Coelho e a sua participação e devoção aos festejos, Ricardo Archer declarou não saber de sua existência, quanto menos de sua influência nos primeiros festejos e diz acreditar que a escolha do santo para devoção na nova capela, bem como o nome do bairro onde ficava sediada sua moradia e a fábrica, são em decorrência de seu próprio nome e afeto religioso a São Sebastião.

Sobre a imagem de São Sebastião que, segundo a comunidade paroquiana, está na igreja há mais de 100 anos¹⁷, Ricardo Archer não soube dar informações, diz não saber sua origem, mas garante que, tanto a imagem quanto o início das festividades a São Sebastião, em Codó, nada têm a ver com as festas no Rio de Janeiro, que possui o mesmo santo como padroeiro.

Nas entrevistas realizadas, ouviu-se que a família Archer era bem participativa nas festividades e na igreja e contribuía como podia. Outros dizem não saber muito sobre a influência da família na igreja e questionam suas contribuições, pois há muitos anos não há nenhuma participação destes nas atividades da paróquia. Ricardo Archer, por sua vez, fala sobre a religiosidade da família e os motivos que os levaram a se afastar das festividades.

Sim, são todos católicos (a família), mas não participam por questões políticas, tem momentos políticos e isso aqui sempre teve uma influência política muito grande. Antigamente tinha uma divisão entre o alto e o baixo, cidade alta e cidade baixa. Uma disputa horrível, dava briga era tudo, o pessoal de baixo brigava com o pessoal do alto. Isso acabou, mas hoje ainda tem um pouco do ranço político. O prefeito que está faz com o grupo dele. Antigamente nós tínhamos, era uma coisa muito pitoresca, a igreja era uma influência muito forte, aí tínhamos os leilões, aí se pagava uma fortuna num capão. Aí outro comprava outra coisa só pra mostrar que cada um era mais forte, mas era uma coisa muito gostosa que se integrava à sociedade. Era muito bom.

Aqui a política, antigamente se brigava, brigava. Acabou a política todo mundo normal, todo mundo amigo, só tinha essa rivalidade do alto e do baixo.

¹⁷ Acredita-se que a imagem de São Sebastião que existe na paróquia atualmente é a mesma relatada sobre o traslado ocorrido da matriz de Santa Rita e Santa Filomena à capela recém-construída no alto da fábrica, em 1896.

Tinha uma disputa do meu avô com um camarada que era o Augusto Teixeira, que tinha a rua S. Silva que meu avô andava e a rua Augusto Teixeira que ele andava, um não andava na rua do outro (SILVA, 2020).

Ricardo continua e confirma a influência de seu avô, mas também fala sobre a participação dos moradores na construção e manutenção da igreja:

[...] todo mundo ajudou. Ele fez o principal, o povo manteve a igreja e continua fazendo. Eu acho que tem que melhorar cada vez mais porque esse aqui é um marco da nossa história. Isso aí é uma propriedade do povo de Codó, é propriedade da igreja, inclusive o documento dela é da manufatureira. Esse prédio aqui era o cassino da fábrica (atual prédio da Rádio Eldorado e sede do partido PSL – Partido Social Liberal), lá onde é minha casa era o clube dos funcionários da fábrica. A residência do meu avô era ali (apontando para o antigo sobrado) (SILVA, 2020).

Machado (1999) fala sobre Sebastião Archer; apresenta seu caminho político, tanto no município quanto no estado do Maranhão. Em resumo, ele diz:

Falecendo João Pedro da Cruz Ribeiro, em 19 de fevereiro de 1928, tornou-se Sebastião Archer da Silva proprietário da tecelagem por haver adquirido a maioria das suas ações. A fábrica revestia a sua pessoa de prestígio, dinheiro, poder e glória. É o Coronel Sebastião Archer da Silva, que surge na política codoense [...]. Correligionário político do Senador Vitorino Freire, um dos caciques da política maranhense. [...] Foi deputado na Assembleia Legislativa do Estado em 1930, Interventor do Município em 1939, Governador do Estado em 1947. Eleito Senador da República para os períodos de 1954 a 1962, e de 1963 a 1971. Faleceu no Rio de Janeiro em 25 de agosto de 1974, levando consigo a gratidão e o respeito de uma grande parcela do povo codoense (MACHADO, 1999, p. 30).

A partir da declaração de Ricardo Archer, é possível confirmar sobre a vida política de Sebastião Archer no município e estado. Ele diz:

Ele foi governador, mas antes de ser governador ele teve uma participação muito grande em Codó. Porque ele veio pra Codó para resolver o problema dessa fábrica que estava falida, estava numa situação difícil. Ele conseguiu reestruturar a fábrica, conseguiu reorganizar e ele foi prefeito de Codó, ele trabalhou muito por Codó na época e Codó tinha uma influência política muito grande na região. E com as amizades políticas em São Luís que ele teve, ele conseguiu entrar nessa luta política e foi eleito governador do estado (SILVA, 2020).

Por fim, a família Archer não é natural de Codó ou de terras brasileiras. Esclarecendo suas origens, Ricardo Archer faz um pequeno resgate da história de seus familiares e como estes chegaram a Codó:

Olha meus ‘tetravós’, eles vieram aqui para o Brasil representando a Singer¹⁸, então veio um irmão aqui para o Maranhão, outro irmão para o Rio de Janeiro e outro para o Sul, eles eram representantes da Singer. Aí começaram a crescer aqui, casaram com os Silvas e os Baymas e começaram a ter família, aí dividiu. Depois era os Archer do Sebastião e do Raimundo, o Raimundo foi para Belém, no Pará, ele tomava conta da região do Pará, da Amazonia, onde eles eram representantes na região e o resto era aqui. E meu avô, Sebastião, começou a cuidar de outras coisas, trabalhar na vida dele, veio pra cá pra tirar a fábrica da falência e criou a vida dele aqui em Codó. O nome Archer é da Escócia, tem muitos nos Estados Unidos, tem na Itália, mas a origem principal é Escócia. Já fui conhecer o clã dos Archer, a história é bonita e nós não podemos deixar ir embora. Eu tinha um livro ali no sobrado, era um livro e uma espécie de diário da empresa aonde eles tinham o penhor de escravo, tinha a negociação de compra de algodão, recebendo tantos escravos em forma de pagamento. Eu já procurei demais. O livro escrito por Benedito Buzar, conta a história política, os embates. Depois de Sebastião vem os filhos, não é? o Renato, o meu pai o Remi e o Ruy é médico, é vivo até hoje, tem 97 anos. Mas o Renato e meu pai que entraram mais nessa parte da política. Cuidaram mais dessa parte da política. O meu pai foi, o primeiro sequestro do mundo que aconteceu foi com ele. Foi em Aragarças na época da revolução. Não sei direito. Prenderam um avião, sequestraram um avião na época, foi o primeiro sequestro no mundo, tem no google é Aragarças revolução de 50, 52 ou 54, uma coisa assim (SILVA, 2020).

O sequestro mencionado por Ricardo Archer foi um ato da revolta contra o governo de Juscelino Kubitschek. Ficou conhecida como *A Revolta de Aragarças* que eclodiu em 2 de dezembro de 1959, por um grupo de militares e civis que se mostravam insatisfeitos com o governo de JK e organizaram o primeiro sequestro aéreo com pessoas como reféns. O objetivo era iniciar um “movimento revolucionário” que afastaria do poder esse grupo político que acreditavam ser corruptos e comprometidos com o comunismo internacional¹⁹.

CAPÍTULO II - HISTÓRIA, MEMÓRIA, TRADIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO

Nas missas, ladainhas e também na grande procissão, homenageamos o mártir de Cristo, defensor do povo Cristão.

(Trecho de um canto popular a São Sebastião – Autor Desconhecido)

¹⁸ Fundada pelo norte-americano Isaac M. Singer a empresa Singer Corporation é uma fabricante de máquinas de costura e bordados, ganhou espaços gradativos no mercado brasileiro sob influência de Dom Pedro II, em 1876, e a Princesa Isabel, em 1888. Disponível em: < <http://www.singer.com.br/nossa-historia/>>. Acessado em 20/12/2019.

¹⁹Essas informações podem ser encontradas no site da Fundação Getúlio Vargas Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/Aragarcas>>. Acessado em: 20/12/2019.

2.1 *Sebastós*²⁰: Soldado Romano e Soldado de Cristo

São Sebastião é conhecido pelos títulos de defensor da igreja, advogado contra as pestes, soldado de Cristo, mártir guerreiro, entre outros. Segundo a tradição, viveu por volta do século III d.C. e sua história perpassa por diversas situações que, mesmo sendo capitão da guarda Pretoriana²¹, do Império Romano, defendeu pessoas que sofriam pelo fato de serem cristãos, bem como sempre se manteve fiel à sua identidade de cristão, fato que o levou à morte e a ser reconhecido pela igreja como mártir.

Tanto a vida dos primeiros santos, como a própria organização da igreja católica, foi passada de século em século e chega à atualidade, ancorada pela história oral e pela tradição católica. A história de São Sebastião também é assim, santo dos primeiros séculos da história cristã, não possui muitos documentos que confirmem os fatos que são narrados sobre sua vida.

Nesse contexto, e de acordo com a tradição católica, conta-se que Sebastião nasceu na França, na cidade de Niborna em 256 d.C., mas junto à sua família mudou-se para Milão, na Itália, onde cresceu, estudou e ao chegar à juventude seguiu carreira militar, a exemplo de seu pai. Era reconhecido como soldado dedicado, responsável, leal e comprometido, o que o levou ao cargo de capitão da guarda Pretoriana no Império Romano (sec. III d. C.).

Contudo, sua história também fala que apesar de ser capitão e possuir a confiança dos imperadores romanos Maximiano, no ocidente, e Diocleciano, no oriente, esse soldado ajudava e protegia os cristãos que na época eram perseguidos e mortos pela crença no cristianismo, até que esses fatos chegam ao conhecimento do imperador: Sebastião, um de seus capitães, se reconhecia como cristão, socorria outros cristãos e ainda ajudava no trabalho de conversão ao cristianismo de muitos homens e famílias.

Segundo sites católicos: “de acordo com Atos apócrifos atribuídos a Santo Ambrósio de Milão, Sebastião teria se alistado no exército romano já com a única intenção de afirmar e dar força aos corações dos cristãos, enfraquecidos diante das torturas”.

Quando descoberto, por volta de 286 d.C., Sebastião é levado ao imperador para esclarecimentos do que foi considerado uma traição, Maximiano ordena-lhe que renuncie a fé

²⁰ Nome de origem grega que significa divino, venerável. Na língua portuguesa lê-se Sebastião. Disponível em: < <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-sebastiao/162/102/>>. Acesso em 29/12/2019

²¹ A 1ª Guarda Pretoriana pertencia a Império Romano, era a guarda responsável pela proteção pessoal dos Imperadores Maximiano e Diocleciano, imperadores da Roma ocidental e oriental respectivamente (sec. III d. C.). Ambos reconheciam e admiravam Sebastião por sua dedicação à carreira de soldado, assim o nomeia a Capitão sem saber que ele era cristão.

cristã, mas ele resiste, não nega sua crença e é sentenciado à morte para que servisse de exemplo aos outros e lhes enfraquecessem.

Assim, por ordem do imperador ele foi levado, arrancado de suas vestes e amarrado em um poste (madeiro) e flechado em várias partes do corpo, para que, seguindo a vontade do imperador, sua morte fosse lenta, sangrenta e dolorosa. Porém, Sebastião sobrevive às flechadas, é socorrido por Irene²² e outros amigos cristãos que o esconderam e trataram suas feridas. Sua história continua com o que ficou conhecido como segundo martírio, onde Sebastião recupera-se de suas feridas e retoma suas práticas cristãs.

Conta-se que, por volta de 287 d.C., ele se apresentou ao imperador Diocleciano com o intuito de falar-lhe e convencer-lhe sobre a prática livre do cristianismo, porém, com seu pedido negado o imperador ordena que seus soldados o açoitem até a morte e joguem seu corpo no esgoto, para que não fosse encontrado.

Sobre seu sepultamento, é contado que após sua morte, Sebastião aparece para uma cristã chamada Lucina²³, diz a ela o que lhe ocorreu e onde poderiam encontrar seu corpo. Como fato, tem-se que Lucina resgatou o corpo de Sebastião, limpou-o e sepultou-o nas catacumbas junto aos apóstolos, onde, já no século IV sob o império de Constantino, foi construída a Basílica de São Sebastião e com isso o culto ao mesmo.

A história de São Sebastião também é constituída de atos milagrosos e proféticos, tanto quando ainda era vivo, quanto após sua morte. Tal como propagado na narração de sua vida, esses atos fortaleciam o trabalho cristão que ele fazia e ajudava na conversão de muitos ao cristianismo.

É contado que no ano de 680, Roma era assolada por uma terrível epidemia, também chamada de peste, e que após transportarem os restos mortais de São Sebastião para a Basílica construída à sua devoção, a doença “simplesmente” desapareceu e ao santo foram atribuídos os títulos de padroeiro contra a peste, a fome e a guerra.

Diante do exposto vê-se que sua história é ora legítima, pelos registros de sua condenação, ora questionável, pelas lacunas em aberto. O site da paróquia São Sebastião em São Paulo, ao relatar a vida de seu padroeiro, afirma existir inconsistências sobre a história desse mártir católico.

Existem inconsistências no relato da vida de São Sebastião: o edito que autorizava a perseguição sistemática dos cristãos pelo Império foi publicado apenas em 303 (depois da Era Comum), pelo que a data tradicional do

²² Irene acolhe e cuida dos ferimentos de Sebastião, tempos depois também foi canonizada e a festa a Santa Irene ocorre em 30 de março.

²³ Lucina também canonizada pela Igreja Católica. Santa Lucina é reconhecida como mártir e festejada no dia 30 de junho.

martírio de São Sebastião parece precoce. O simbolismo na História, como no caso de Jonas, Noé e também de São Sebastião, é visto, pelas lideranças cristãs atuais, como alegoria, mito, fragmento de estórias, uma construção histórica que atravessou séculos.

O bárbaro método de execução de São Sebastião fez dele um tema recorrente na arte medieval, surgindo geralmente representado como um jovem amarrado a uma estaca e perfurado por várias setas (flechas); três setas, uma em pala e duas em aspa, atadas por um fio, constituem o seu símbolo heráldico. <https://paroquiasaosebastiao.com.br/padroeiro>.

De modo geral, existem poucos documentos que retratam as histórias dos primeiros santos católicos, bem como a história de São Sebastião, os que existem são de difíceis acessos, porque não são comuns de serem encontrados nas igrejas e espaços afins. Como documento, a Igreja Católica registra sua condenação no livro Martirologio Romano, um calhamaço que contém informações principalmente sobre a forma das mortes de todos os santos e beatos, mártires ou não, que são honrados pela Igreja Católica Apostólica Romana.

2.2 A organização do festejo em Codó

De acordo com Carvalho (2016) a identidade dos povos e das sociedades está diretamente associada às práticas e festividades religiosas e culturais. Seus hábitos, costumes e crenças reafirmam quem são e de onde vieram, ao apresentarem seus símbolos e renovarem suas práticas, a memória local e particular dos envolvidos é atualizada, os laços são renovados e isso influencia diretamente a vida dos que vivem abraçados a esse meio.

É possível observar essa realidade no festejo de São Sebastião em Codó, pois sendo uma manifestação religiosa essa festa se faz a partir de memórias e da necessidade que a paróquia tem de manter viva e atualizada sua identidade. Essa mesma identidade que se fez mediante a construção, crescimento e desenvolvimento social e cultural da cidade, e que leva a compreender que essa festa é:

[...] uma tradição popular que é revivida e ressignificada pelos moradores, os quais consideram a Festa um importante elemento de religiosidade, além de patrimônio afetivo, tendo em vista que através dela podem ser rememorados elementos da identidade de um grupo e da memória social (CARVALHO, 2016, p. 12).

Posto isso, ressalta-se que desde o início da devoção a São Sebastião na cidade de Codó os preparativos para os nove dias de festas são iniciados com meses de antecedência. Jornais impressos locais, com datas desde o século XIX, evidenciam os preparativos prévios

da festa. Essa necessidade surgiu devido a proporção que o evento ganhou e que os codoenses mantêm viva como uma de suas tradições.

Internacionalmente, a festa a esse santo ocorre no mês de janeiro, geralmente com abertura no dia onze e encerramento no dia vinte, data que a Igreja Católica Apostólica Romana registra a morte desse padroeiro. Assim, para que tudo esteja pronto para os dias de festa geralmente a paróquia em Codó começa a se planejar entre os meses de agosto e setembro do ano anterior. Sobre a organização do festejo padre José Orlando de Carvalho da Cruz, que era vigário da paróquia São Sebastião, diz:

Então, geralmente nós começamos a pensar o festejo, três ou quatro meses antes. Se começa formando as equipes para dar melhor assistência, a equipe litúrgica, acolhida, dos eventos, publicidade, as barracas. E em seguida, que tem as equipes a gente escolhe um tema sempre de acordo com o aquilo que a igreja pede, em comunhão com a igreja no Brasil, com a CNBB²⁴, meditamos sempre algo que a igreja nos dá. Esse ano meditamos a temática em comunhão com a Palavra, o Pão, a Caridade e a Missão. Onde a CNBB propõe que a igreja viva esses três anos²⁵.

E após, terminada a preparação de cada equipe, aí, já também uma coisa bonita que nesses três anos que estamos aqui, surgiu a ideia de o festejo não começar somente no dia onze, mas começa uma semana antes com a visita da imagem de São Sebastião da paróquia nas comunidades rurais. Lembrando uma vez que como diziam, grandes devotos que estavam no campo, então são pessoas já velhinhas que não podem mais chegarem ao festejo, então vai lá com a benção e o encerramento de cada setor encerra com uma missa, então é uma forma também de lembrar a vida de comunhão com essas pessoas que anos e anos mantêm sua fidelidade para com a igreja e a devoção ao santo querido de sua devoção, no nosso caso São Sebastião. (CRUZ, 2020).

Toda paróquia possui uma equipe chamada de conselho paroquial, que são as representações dos grupos e pastorais que possuem atividades e participam ativamente na comunidade, junto com o padre que pode ser o pároco ou vigário da mesma. As reuniões para a organização do festejo acontecem justamente com a equipe do Conselho Paroquial e dessa equipe são indicadas entre três ou quatro pessoas, incluindo o padre responsável, para formar a equipe central do festejo. Isso ocorre porque durante o ano inteiro existem muitas atividades a serem desenvolvidas na paróquia, então consideram ser preciso que algumas pessoas estejam diretamente comprometidas com os preparativos do festejo enquanto as outras atividades também ocorrem.

Reuniões estratégicas começam a acontecer para planejar o que será ofertado durante a festa, o que irão precisar e quanto será necessário para a realização do festejo. O primeiro

²⁴ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB;

²⁵ fazendo referência ao documento 209 da CNBB sobre a Ação Evangelizadora no Brasil.

compromisso a ser realizado é a definição do tema e do lema que será trabalho no ano. Para isso, os grupos e pastorais estudam temáticas que estão sendo abordadas pela Igreja, pela CNBB, pela própria diocese de Coroatá, a qual pertence, e pela realidade local, quanto às necessidades de missão e evangelização.

Várias propostas são apresentadas e sob os cuidados do padre o conselho vota e decide qual o tema e o lema de cada ano. Assim, são montadas as equipes de trabalho que se responsabilizam por articular cada uma das atividades, bem como busca de patrocínios e voluntários para os dias de trabalho e festa.

De praxe as equipes são:

- **Infraestrutura** – responsáveis por adquirir, montar, desmontar e devolver palcos, sons, tendas e todos os espaços que serão usados durante os dias de festa bem como os reparos que a igreja possa necessitar, além de apoio logístico no dia da procissão;
- **Comunicação** – encarregada da produção dos cartazes, convites e camisas bem como a articulação com todos os meios de comunicação da cidade para divulgação antes e durante o festejo;
- **Barracas** – as pessoas dessa equipe se comprometem desde a busca de patrocínios e doações de materiais até a preparação e venda de lanches, pequenas refeições e artigos religiosos em todas as noites;
- **Alvorada** – Geralmente formada por membros da catequese e do coral de crianças, essa equipe é responsável pelas primeiras orações em cada dia e a salva de foguetes;
- **Acolhida** – embora esteja ligada à pastoral litúrgica, durante o festejo essa equipe se desmembra para atender os fiéis que chegam de toda a cidade e de outros municípios, como também para dar suporte aos convidados, noitários e o padre convidado que celebrará cada noite;
- **Liturgia** – equipe responsável por organizar todas as noites da novena (convidados, noitários e responsáveis de cada noite, terços, ladainhas e explanação sobre o tema trabalhado no festejo), as missas com sua respectiva equipe para leituras e cantos e a animação durante o percurso da procissão no dia 20;
- **Ornamentação** – também associada à pastoral litúrgica essa equipe precisa organizar todos os dias e noites os locais de celebrações e missas, seja dentro da igreja ou quando as missas são campais, fora da igreja.

- **Finanças** – geralmente essa equipe é formada pelos membros do Conselho de Assuntos Econômico Paroquial – CAEP que já existe na paróquia. Estes são responsáveis por receber e prestar conta todas as noites das ofertas, doações e pagamento de promessas (em dinheiro) dos devotos e as colaborações que os inúmeros vendedores ambulantes fazem durante as noites de festejo.

- **Equipe Cultural** – Esta busca os grupos culturais que existem na cidade para se apresentarem após as missas de cada noite. Enquanto devotos, curiosos, passantes e amigos se encontram, se divertem, brincam, dançam e comem no largo da igreja e na praça.

- **Missionários** - Essa equipe foi montada há poucos anos, e possuem o compromisso de visitar todas as comunidades rurais que pertencem à paróquia. Estes saem em peregrinação com a imagem oficial de São Sebastião que está na paróquia há mais de cem anos. Esse evento já se tornou efetivo na festa e é carinhosamente denominado de pré-festejo, pois a equipe recebe a benção e o envio para a missão no dia sete de janeiro, percorrem todas as comunidades rurais e retorna para a cidade no dia onze para a abertura oficial da festa.

Com relação a programação dos dias que a paróquia se encontra em festejo, é importante dizer que há mudança nas atividades realizadas. Existem práticas que perduram como por exemplo os terços, ladainhas, procissões, entre outras, mas também há elementos novos como a peregrinação da equipe missionária com a imagem de São Sebastião, a carreata pelas avenidas principais da cidade, e outros.

A respeito disso Couto (s.d) e Carvalho (2016) discorrem que tradição também se faz com aspectos da temporalidade, os elementos que compõem a tradição de um povo podem ser permanentes e também mutáveis, ora existem, ora deixa de existir e posteriormente podem retornar.

Assim também é no festejo de São Sebastião em Codó, havendo ideias e necessidades outras equipes são formadas ou os trabalhos são divididos entre as que já existem como é o caso das rifas e leilões, que apesar de ser uma atividade coletiva, uma ou duas pessoas acabam sendo designadas para tais atividades, haja vista que requer disponibilidade para receber e organizar as joias dos leilões e vender os pontos de rifas, quando tem.

Entre os dias de festa a programação oficial da paróquia contempla: A missa de envio dos missionários e a visitação com a imagem de São Sebastião nas comunidades rurais da paróquia; alvoradas todos os dias as cinco horas da manhã com rezas, cantos, foguetes e

café comunitários, acolhendo e testemunhando os primeiros devotos a cumprirem suas promessas no início do dia; novenas com rezas e ladainhas; missas alternadas entre manhã, meio dia e noite, cada missa possui convidados e intensões próprias; caminhadas e visitas a idosos e pessoas doentes geralmente organizadas pelo grupo de catequese e pelos setores urbanos da paróquia e apresentações de grupos culturais da cidade ou mini shows de grupos ou corais das paróquias da cidade.

Nos últimos anos a abertura do festejo conta com uma carreata iniciada na entrada da cidade com o aguardo dos missionários e da imagem paroquial de São Sebastião vindos da visita às comunidades rurais, o momento conta com a participação de fiéis de toda a cidade, passando pelas principais avenidas e ruas, principalmente do bairro onde a festa está localizada.

Para o último dia da festa, vinte de janeiro, além da programação diária há também a procissão de São Sebastião. Pagadores de promessas e fiéis católicos de toda a cidade e dos outros municípios começa a se concentrar desde a manhã na praça, igreja e aos redores. Enquanto o andor com a imagem de São Sebastião já está sendo preparado, adornado com flores naturais e luzes para ser carregado pelos devotos no percurso a ser feito.

No que tange a imagem de São Sebastião essa possui mais de 100 anos, continua sendo preservada a mesma imagem transladada em 1896 para a primeira capela. Os depoimentos divergem no que diz respeito a origem da mesma, mas há os paroquianos que carregam a história de que a mesma fora criada em Portugal e enviada sob encomenda para Codó.

Posto isso, o início da procissão dar-se, geralmente, às dezessete horas do dia vinte de janeiro. Segundo os devotos e as informações recebida na paróquia, estima-se em torno de 30 a 50 mil pessoas que chegam para a encerramento do festejo, onde ocorre a Celebração Eucarística presidida pelo Bispo da Diocese de Coroatá, Dom Sebastião Bandeira.

2.3 Tradição, Identidade e Sociabilidade

Afirma Carvalho (2013) que tradição se relaciona a algo vindo do passado atravessado gerações, preservando-se durante os anos, mas também se adaptando às mudanças para continuar existindo. As definições de tradição originam-se do Latim “tradere”, que significa “trazer”. Desta maneira, tradição “seria aquilo que foi trazido, isto é, transmitido pelos ancestrais”.

Para Siqueira;

A preocupação com o religioso dentro da História põe, em primeiro plano, a História da Espiritualidade, abrangendo pensamentos, ideias, mentalidades, mitos, crenças, sentimentos e até desvios da religiosidade. Na medida em que o homem está inserido numa sociedade, o homem religioso deixa de ser uma abstração. Indissolavelmente se ligam crenças e vivências religiosas, configuradas em expressões comportamentais [...] (SIQUEIRA, 2010 p. 144)

Destarte, sem deixar de considerar o quão importante se faz todas as vertentes que levam a humanidade a sua magnitude e capacidade de desenvolvimento, é possível considerar que por meio da religião a vida social se desenvolve, ela reúne elementos de crença e de fé de um determinado povo e os transforma também em costumes e tradição que poderão ou não ser praticados por estes, tudo isso em forma de bem comum social. Soma-se a isso o que Mendonça (2003) diz sobre a formação da identidade religiosa no Brasil:

“Na escrita de uma história religiosa no Brasil, pensamos na historicidade das ações religiosas não restrita à esfera da sociedade política ou do Estado, mas percebida na esfera da sociedade civil, na horizontalidade das relações entre sujeitos e grupos sociais. Tanto quanto escrever a história de uma instituição, a história religiosa descreve as formas e os limites dentro dos quais a instituição formatou ou não as vidas dos fiéis a ela ligados (MENDONÇA, 2003).”

Para Eliade (1992), “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais” e o que diferencia o espaço sagrado e o profano é como o homem visualiza esse espaço. Considerá-lo sagrado estará intrinsecamente ligado a uma experiência cósmica vivida por este ou por seus antecessores que fizeram dali uma espécie de santuário. Por outro lado, reconhecer esse mesmo espaço como profano não significa desmerece-lo ou banaliza-lo, mas simplesmente vê-lo como um espaço comum, oportuno para suas vivências e naturalmente aproveitá-lo.

Assim, durante todo o festejo de São Sebastião em Codó, é notório que o grande número de pessoas que ali chegam não é necessariamente por ser devoto e por querer pagar uma promessa para o santo. Há sim um grande número de fiéis que participam frequentemente da festa ao padroeiro, pagam e renovam suas promessas, participam das missas ainda que não sejam devotos a esse santo, além dos participantes de outras comunidades paroquianas da cidade que são convidadas a prestigiar a festa vizinha.

Padre Orlando considera que o festejo não possui nada que seja considerado profano em sua programação oficial, seja durante as celebrações, novenas, terços, pagamento de promessas, seja nas rodas de conversas, nas apresentações culturais, nas vendas e compras de

lanches, artigos religiosos e objetos diversos, ele considera que são as relações sociais em meio a festa cristã, na entrevista ele relata:

Na atualidade nós podemos dizer, desde que estou aqui e também como filho de Codó, posso dizer com muita clareza que na paróquia São Sebastião o festejo dele não tem nada de profano. Toda a festa, toda a novena estão em torno do sagrado, dentro da eclesiologia, não tem nada assim... uma festa, banda, essas coisas, não tem, como nós vemos em outros lugares que tem isso. A única coisa que nós vemos assim é que em torno da igreja se juntam barracas com pessoas vendendo, mas não é promovido pela igreja. São pessoas que vem pela proporção do festejo, são pessoas de Caxias, de outras cidades vizinhas, são pessoas que vivem disso, então trazem sua barraquinha de lanche de comida, mas eu não vejo isso como profano.

Podemos dizer que o nosso festejo tem uma característica bem clara, é muito profundo no sentido de evangelização, renovação espiritual, as pessoas que vem, a gente percebe isso. Vem só para isso.

Algumas pessoas reclamam do parque, mas o parque não vejo que é um problema, ou poderia dizer que é uma coisa profana, não é. Vem o parque fica ao lado, o pessoal respeita muito bem, não põe som na hora. (CRUZ, 2020).

Contudo, é possível que muitos ali presentes tenham outros objetivos associados, além dos momentos religiosos, também comparecem para consumirem algo nas diversas barracas de alimentação e objetos diversos que se espalham ao redor da igreja e por toda a praça, outros porque marcaram de encontrar-se com os amigos, de passear e brincar no parque e até mesmo só para ver o movimento ocasionado pela festa.

Durante a entrevista como Ricardo Archer ele relata que no período do funcionamento da fábrica de tecidos já haviam festas, momentos de lazer e entretenimentos que eram realizados pelos operários. Havia na época uma banda chamada Recreio dos Operários que também faziam a animação das noites culturais e de socialização durante o festejo, após as rezas e celebrações na capela.

Couto (s. d) discorre sobre as festas e devoções ocorridas no Brasil e o estudo acerca da religiosidade submersa na culturalidade brasileira e ressalta que é importante considerar os aspectos que compreendem o sagrado e o profano mediante a temporalidade, estruturas e atos ou ritos, entre outros. Mas, salienta que se deve ater aos elementos que, mesmo importantes para as festividades religiosas, não são permanentes, podem mudar de um ano para o outro, deixar de acontecer e até mesmo serem criados novos.

[...] Apesar dos festejos serem repetidos anualmente, não compõe uma estrutura fixa, rígida. Como observa Vovelle, as festividades têm “formas obstinadas”, ou seja, estruturas formais, mas também a flutuação dos elementos, que podem desaparecer, outros novos podem ser incorporados e há até mesmo a possibilidade de ressurgimento daqueles que foram abandonados ou esquecidos.” (COUTO, s.d, p. 3).

Nesse contexto, ao reconhecer as atividades programadas para a festa em honra a São Sebastião, é possível observar a existência dos elementos que permanecem e que os devotos consideram como importantes tradições, como também há as novidades e as recreações em meio a programação da festa. Sobre isso afirma Santos (2006):

Os valores e as ideias sofrem o efeito de se fazerem mutantes quando postos em prática pelos seus articuladores (SAHALINS, 1990). Em outras palavras, nenhuma ideia, ideologia, visão de mundo ou corpo doutrinário permanecem como eram tanto na origem como na construção imediata que antecede a ação, depois que as práticas sociais os fazem reverberar no tempo e no espaço.” (SANTOS, 2006. p.24).

Igualmente, ano após ano as festas objetivam celebrar a fé popular, o compromisso de cristão que os devotos têm para com a igreja. Mas, também consideram o festejo como a oportunidade de confraternização, fortalecimento dos vínculos comunitários e renovação das práticas e manifestações de devoção.

Além da programação que oficialmente é realizada pela paróquia, há também as contribuições do município que mantém viva a tradição de comemorar o dia de São Sebastião. Apesar de não ser oficialmente reconhecido, popularmente foi atribuído, como dito anteriormente, ao santo o título de copadroeiro do município e, sob a Lei nº 308 de 19 de janeiro de 1967, o dia 20 de janeiro é decretado como feriado municipal.

O festejo também influencia no comércio da cidade, haja vista que associado a fatores como, início do ano, período de férias, quando muitas pessoas retornam a Codó para visitar familiares e participar da festa a São Sebastião, há um aumento no que se refere ao consumo de modo geral. Alimentação, bebidas, lazer, roupas, calçados e artigos em geral que é possível encontrar tantos nas lojas fixas quanto nas barracas que são montadas para os dias de festa ao santo, principalmente os dois últimos dias.

Como programação do município todos os anos acontece a corrida de São Sebastião, ocorre sempre no dia vinte de janeiro e qualquer pessoa pode participar nas modalidades de corrida rústica e corrida ciclística. Ao longo dos anos houveram algumas mudanças, mas atualmente a premiação é em dinheiro e placas em forma de troféus. Além disso, no último festejo foi realizada uma corrida na abertura do festejo, essa nova corrida foi organizada pela Associação dos Corredores de Rua de Codó Maranhão – ACRCMA em parceria com a Paróquia São Sebastião.

Para as pessoas religiosas toda a área ao redor da igreja também é considerada importante e sagrada. Além de participarem das novenas e celebrações eucarísticas estes pagam suas promessas, ascendem suas velas dentro e fora da igreja, no cruzeiro que

atualmente localiza-se atrás da igreja, de frente para a avenida principal da cidade, e até mesmo na imagem de São Sebastião que fica centralizada na praça.

Portanto, em meio aos elementos que configuram a tradição das festividades religiosas, a criação e até mesmo o resgate de costumes esquecidos, manifestam-se os aspectos que identificam e singularizam cada festejo, ao passo que promove a sociabilidade e perpassa simultaneamente as definições, outrora mencionadas, do sagrado e do profano, submerso nas características culturais regionalizadas, mas também heterogêneas.

CAPÍTULO III - RELIGIOSIDADE CATÓLICA NO MARANHÃO E BRASIL

*Protetor contra as Guerras; defensor poderoso contra a fome e as epidemias;
socorro imediato contra as doenças e as calamidades: Intercedei por nós!
(trecho da ladainha de São Sebastião do Rio de Janeiro)*

De acordo com Passos (2016) a presença da religião católica possui um grande significado na formação do povo brasileiro, elementos simbólicos, as festas, promessas, devoções e as diversas formas de expressão de fé dão significado a religiosidade que o país aprendeu a cultivar. Segundo ele, e associados a esses fatores, a oralidade é o que dá significado às tradições populares.

Para Jurkevics (2005) as práticas religiosas reconhecidas como populares é um campo vasto de estudo e análise. Para ela, as festas religiosas são consideradas um dos grandes momentos de expressão de fé, pois o homem revitaliza sua fé a partir de gestos e práticas de devoção, o que, naquele momento, o leva a uma desconexão com o mundo profano e reestabelece sua fé.

Sabe-se que o Maranhão, assim como todo o território brasileiro, é rico em aspectos culturais e religiosos dada a mistura dos diversos povos que viveram e ainda vivem nessas terras. Segundo Sousa (2016), no final do século XIX, o Maranhão também se tornou opção considerável para nordestinos de outros estados, principalmente Piauí e Ceará, que sofriam com a Grande Seca ocorrida na região entre 1877 a 1879.

Dada a grande influência e prática religiosa que permanecesse viva até hoje, ressalta-se os povos de origem africana, que desde o século XVIII foram trazidos ao Maranhão para o trabalho escravizado na produção agrícola de algodão e outras atividades em que foram expostos e sujeitados.

Nesse sentido, dados do IBGE (2010) mostram que entre os 217 municípios do estado, com cerca de 6.569.683 habitantes, apresentam-se em menor escala o budismo,

judaísmo, hinduísmo, tradições indígenas, entre outros. E em maior escala as religiões como o cristianismo (catolicismo; protestantismo; entre outros), de matriz africana (umbanda; candomblé; terecô; entre outros)²⁶ que devido a aspecto de inculturação e sincretismo, por vezes se aproximam, se misturam e se divergem.

Desse modo, não é raro perceber que várias festas religiosas, principalmente de devoção aos santos e orixás, tanto no Maranhão quanto em todo o Brasil são celebradas nas duas culturas, o que lhes diferenciam geralmente são símbolos religiosos, nomes identitários aos mesmos ícones de fé, danças e atos de invocação e manifestação.

Assim, será abordado nesse capítulo aspecto gerais para compreender o catolicismo no Maranhão, na Diocese de Coroatá e em Codó - MA, onde se compreende também as referências às religiões de matriz africanas que todo o território maranhense possui.

3.1 O catolicismo no Maranhão

A partir da Primeira República (1889 – 1930) e a Constituição de 1891, dada a separação de Igreja e Estado, a Igreja Católica tomou esfera de Instituição presente nos diversos espaços sociais individuais e coletivos no Brasil, inclusive no Maranhão, onde Neris (2014) o descreve como “uma civilização paroquial distante de Roma”.

Esse crescimento institucional e territorial do catolicismo se faz através de um conjunto de esforços das próprias autoridades eclesiais que, “se sentindo alijados de seus ‘direitos adquiridos’, o catolicismo buscou alternativas práticas para caminhar com suas próprias pernas, face ao novo cenário”. (GOMES, 2012, p.95).

Sobre o Maranhão, Neris (2014) considera que a atuação católica nesse território contribuiu tanto para a reaproximação da Igreja com entidades e espaços de atuação social, quanto tornou característico e identitário aos agentes religiosos as diversas ações relativas ao:

[...] sistema educativo e na gênese de políticas educacionais, engajando-se em missões, na imprensa ou promovendo movimentos de juventude, organizações de ação católica e diversas obras sociais, sacerdotes se tornaram então atores importantes da história cultural e política da região. [...]” (NERIS, 2014, p. 62).

²⁶ Segundo Machado (1999 p. 187) houve a figura importante que deu destaque ao município de Codó na umbanda foi o senhor Wilson Nonato de Sousa, o Mestre Bitá do Barão. Nascido em Codó, mais precisamente na Comunidade Quilombola Santo Antonio dos Pretos, ele iniciou na umbanda aos 05 anos de idade. Falecido em 18 de Abril de 2019, o Mestre Bitá do Barão destacou-se devido a fundação da “Tenda de Umbanda Rainha de Iemanjá” em 24 de junho de 1954, a tenda contém mias de 400 filhos de santo e festejam São Sebastião no mês de Agosto, onde oferecem obrigações aos Orixás. Nesse período a cidade recebe turistas de diferentes estados do país bem como do exterior a fim de participarem do festejo, o que também influencia positivamente na economia do município.

Nesse mesmo contexto, também é descrito por esse autor as particularidades de entendimento, práticas e costumes que foram desenvolvidas dentro do catolicismo no Maranhão, justificando essas características a limitada cobertura dada pela igreja na grande extensão territorial do Brasil, que até 1676 só possuía a Diocese da Bahia para dar suporte a todo o país, e a reduzida influência de Roma, mesmo com “penetração dos repertórios católicos e o alcance da influência da religião bastante amplo” (Neris, 2014, p. 66).

Para a criação de novas dioceses e expansão das atividades católicas no Brasil, na Primeira República, Gomes (2012) ressalta que o catolicismo buscou articulações políticas e ganhou espaço em todos os estados do país, a partir dos acordos feitos com as lideranças locais obteve o crescimento gradativo de sua estrutura administrativa.

Assim, a Diocese do Maranhão foi criada 1677, onde foi desmembrada da Arquidiocese de São Salvador na Bahia e ficou sob responsabilidade do Arcebispo de Lisboa até o ano de 1827 (Neris, 2014). Sobre essa nova diocese ele relata:

[...] Instalada em uma terra de missão, a criação da diocese do Maranhão consistiu no estabelecimento de um foco difusor de dioceses para a região norte e se alinhava à criação de uma estrutura administrativa consoante à autonomia geográfica e política do estado do Maranhão e Grão-Pará – criada em 1621 e com sede na cidade de São Luís [...]. Até o final do século XIX a área da diocese do Maranhão passou a abranger os limites das províncias do Maranhão e do Piauí, estrutura essa que se manteve até o início do século XX, quando ocorreu o processo de estadualização do poder eclesiástico (MICELI, 1988). Ou seja, a partir de então, a lógica de organização territorial da Igreja passou a corresponder aos limites políticos administrativos dos estados [...]" (NERIS, 2014, p. 65 e 66).

Sobre a criação da diocese, o autor considera importante identificar as características religiosas desse território com base no que lhes fora herdado da cultura e religião popular portuguesa, onde Marin (2010) diz ser a gênese das grandes devoções aos santos católicos nessas terras, com suas respectivas festas e práticas de fé, memória e tradição.

Nesse contexto, justifica-se ainda as contribuições das diferentes ordens religiosas que fizeram, e ainda fazem, missão por todo o Maranhão, “entre as quais os Mercedários, Carmelitas, Capuchinhos, Franciscanos e Jesuítas” (Neris, 2014, p. 67). Além desses, o Maranhão é marcado por outras ordens religiosas, como também por um grande número de padres seculares (que ascenderam a partir do século XVIII) e nos dias atuais essa realidade ainda se faz por todo o território do estado.

Em Codó, atualmente são encontradas a Sociedade do Apostolado Católico - SAC, conhecidos como padres e irmãos palotinos; as Irmãs Missionárias do Apostolado Católico – Irmãs Palotinas; as Irmãs do Amor de Deus; As Irmãs Capuchinhas Missionárias - de ordem

franciscana; os Servos do Imaculado Coração de Maria; as Irmãs Servas de Maria Reparadoras e o Clero Secular – os padres diocesanos.

No emaranhado de mudanças que ocorreram tanto em aspectos políticos e sociais quanto na estruturação do catolicismo do Brasil, e conseqüentemente no Maranhão, no século XIX, nota-se a transformação de identidade da Igreja Católica, dado a conflitos de espaço, discussão e poder entre Igreja e Estado. “Essas transformações da Igreja Católica brasileira não podem ser compreendidas se não for levado em conta os efeitos do reforço da centralidade institucional em Roma e a pressão do Vaticano para impor seus modelos e normas”. (Neris, 2014, p. 70).

Os eventos que aconteceram nesse período de mudanças do país, fez a igreja assumir uma postura que a conduz para uma aproximação da Igreja em Roma, fator que ficou em evidência com o Concílio Vaticano I (1869-1870), sob o papado de Pio IX (1846-1878).

Essas mudanças também tem reflexo no que diz respeito a formação do clero, haja vista que vários fatores levaram a diminuição de candidatos à vida sacerdotal e outros graus de ordem que Igreja possui. Sobre isso, no que tange a composição do clero no Maranhão, Neris (2014) destaca que:

[...] um dos principais fatores a afetar o sistema de recrutamento eclesial foi a crise da relação entre igreja e Estado, tendo como consequência a perda de prestígio da instituição e a diminuição da atratividade que a carreira exercia junto aos segmentos sociais mais abastados. Essa transformação da imagem social da igreja entre os grupos dominantes se mostrou então particularmente benéfica para segmentos sociais que anteriormente tinham menos chances de ingressar no corpo eclesiástico. O que não chegou a ser ignorado pelos próprios representantes institucionais, defrontados como eram com as manifestações concretas e críticas dessa mutação[...] (NERIS, 2014, p. 74).

Segundo o autor, relaciona-se a esse contexto aspectos de análise social sobre quem ou qual era o perfil dos indicados à vida sacerdotal. A exigência de um status social é entendida como um pré-requisito para ser aceito nos seminários, fatores como “capital social, relações baseadas na reciprocidade, conexões com a esfera política” (Neris, 2014, p. 75) eram os considerados no período, ainda que fosse possível identificar pessoas que não atendem a esses requisitos. Em escala menor e diante das necessidades para o trabalho na região, tem-se pessoas de famílias pobres, oriundas das zonas rurais e do interior do estado.

Dada a separação de Igreja e Estado e o alinhamento da Igreja Católica no Maranhão com as normas e doutrinas de Roma, Miceli (1988) destaca que o trabalho da Igreja, no que compete o trabalho episcopal, obteve maior atuação e eficácia, o que contribuiu para a recuperação de espaços sociais, reforçar a tradição e preservar as doutrinas e dogmas

religiosos, tudo isso associados ao fortalecimento da estrutura organizacional e dos respectivos responsáveis religiosos autorizados a trabalharem nesse território.

No século XX, com o crescimento da atuação da Igreja Católica tanto no Maranhão como no Brasil de modo geral, vários espaços de assistência social, produções culturais, no âmbito educacional, de seguimento da vida religiosa, e demais esferas de atividades foram consolidados. Para além desses espaços, Neris (2014) destaca que vários grupos de ação pastoral e caritativa também ganharam força, dentre eles o Apostolado da Oração que, apesar de chegar ao Maranhão em 1880, intensificou suas atividades de devoção ao Sagrado Coração de Jesus nas primeiras décadas do século XX.

Em Codó, como já mencionado, nas décadas de 1970 a 1990 o Apostolado da Oração possuiu considerável influência nas atividades pastorais da paróquia São Sebastião. Até hoje esse grupo é atuante e respeitado por todos os paroquianos da comunidade.

Grupos e espaços para atuação juvenil também tiveram destaque nesse período, vários movimentos jovens foram criados ou trazidos para o Maranhão. Entre eles se faz citação a Ação Católica, criada em 1935 por Dom Sebastião Lemes -Arcebispo do Rio de Janeiro e no Maranhão em 1936 pelo padre Dr. Sebastião Fernandes, tinha como objetivo “formar leigos na doutrina e na piedade, a fim de auxiliarem a hierarquia dos bispos e sacerdotes no mister do ensino da edificação dos cristãos” (Neris, 2014, p. 84).

No que tange as festividades de devoção, toda a religiosidade maranhense está associada às festas dedicadas aos santos católicos. Novamente cultura e religiosidade se misturam e dão identidade a todo o estado. Alguns dos festejos realizados no Maranhão são a Festa do Divino, que acontecem na cidade de Alcântara e na capital São Luís; o festejo a São José de Ribamar, na cidade que recebe o mesmo nome do santo; festejo a São Francisco que ocorre em diversas cidades do estado (incluindo a cidade de Codó) e concentra um grande número de devotos na comunidade Alto do São Francisco, município de São João do Sóter, diocese de Caxias; a devoção popular a São Raimundo Nonato dos Mulundus, no município de Vargem Grande, diocese de Coroatá; e São Sebastião, também festejado em diversas cidades estado.

3.2 Os festejos católicos na Diocese de Coroatá

A Diocese de Coroatá foi erigida em 26 de agosto de 1977, quando se desmembrou da Arquidiocese de São Luís e teve como primeiro bispo Dom Reinaldo Pünder (de origem alemã, dedicou-se ao trabalho na diocese de Coroatá, antes mesmo desta ser erigida, até seu

falecimento ocorrido em 16 de janeiro de 2011, aos 72 anos). Atualmente o bispo da diocese é Dom Sebastião Bandeira Coelho e o vigário geral é o padre José Wasensteiner, SAC.

A diocese de Coroatá tem como Sé a Catedral Nossa Senhora da Piedade que fica na própria cidade de Coroatá, compreende 16 municípios maranhenses com suas respectivas paróquias e festejos principais, veja na tabela a seguir:

Tabela 01: Municípios que compreendem a área de atuação da Diocese de Coroatá e suas respectivas paróquias matrizes.

	MUNICÍPIO	PARÓQUIA(S) / FESTEJOS PRINCIPAIS
1	Alto Alegre do Maranhão	Nossa Senhora da Conceição
2	Anajatuba	Nossa Senhora do Rosário
3	Arari	Nossa Senhora das Graças
4	Cantanhede	Nossa Senhora da Conceição
5	Codó	Santa Rita e Santa Filomena São Sebastião Santa Teresinha São Raimundo São Francisco São Pedro Santo Antônio
7	Coroatá	Nossa Senhora da Piedade São Raimundo
8	Itapecuru-Mirim	Nossa Senhora das Dores
9	Matões do Norte	São José
10	Miranda do Norte	Nossa Senhora Aparecida
11	Nina Rodrigues	Nossa Senhora da Conceição
12	Peritoró	Nossa Senhora das Graças
13	Pirapemas	Nossa Senhora da Conceição
14	Presidente Vargas	Santa Luzia
15	São Mateus do Maranhão	São Mateus
16	Timbiras	Nossa Senhora dos Remédios
17	Vargem Grande	São Sebastião - (Santuário São Raimundo Nonato dos Mulundus)

Na tabela acima é possível perceber que o município de Codó é o maior em si tratando no número de paróquias e conseqüentemente de festejos. Isso também compreende a proporção de visibilidade a efetivação das práticas de festas de devoção aos santos católicos.

É válido ressaltar também que o maior festejo da Diocese está localizado na cidade de Vargem Grande, e é dedicado a São Raimundo Nonato dos Mulundus²⁷, que apesar de

²⁷ A devoção a São Raimundo Nonato dos Mulundus existe há mais de 200 anos, a mesma iniciou a partir de milagre testemunhados por moradores da comunidade Mulundus, zona rural de Vargem Grande. Esses milagres foram associados ao vaqueiro Raimundo após seu falecimento, porém, até o momento o mesmo ainda não foi

ainda não ser canonizado pela Igreja Católica Apostólica Romana, sua história de vida e de milagres ganhou a admiração, fé e devoção de pessoas de todo o país.

Segundo devotos e colaboradores da festa, todos os anos em Vargem Grande, o festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus é maior que o de São Sebastião nessa cidade, ainda que a paróquia seja dedicada a esse último santo. De acordo com participantes do festejo, pressupõe-se que chegam à cidade mais de cem mil pessoas durante os dias de novena e a tradicional procissão que sai do povoado Paulica até santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus, todos os anos.

Com relação os festejos de São Sebastião na diocese o maior é na cidade de Codó, porém outras cidades e paróquias também festejam esse santo católico, como é o caso de Vargem Grande e Alto Alegre do Maranhão em suas igrejas matrizes e as diversas comunidades e setores paroquiais dos municípios na diocese, em suas capelas comunitárias ou particulares.

3.3 Outras festividades religiosas em Codó

Como mencionado no primeiro capítulo, o festejo de São Sebastião não é o maior na cidade de Codó, ele está entre os maiores da cidade bem como da Diocese de Coroatá. Além desse, a cidade também é palco para as grandes festas a São Francisco e São Raimundo Nonato em suas respectivas paróquias, mas que mobiliza todo o município, cidades e comunidades rurais vizinhas.

3.3.1 São Francisco

São Francisco de Assis (1182 – 1226) é um santo católico bastante popular em toda a região nordestina, uma das maiores festas a esse santo católico está localizada na cidade de Canindé – CE, onde, em forma de devoção, o santo também recebe o nome de São Francisco de Canindé. Em Codó além de uma paróquia também há um bairro que recebe o nome desse santo e é a área de atuação dessa referida paróquia.

A paróquia São Francisco em Codó foi fundada há 30 anos, o pároco responsável é o Pe. Castilho, abrange todo o bairro São Francisco na cidade, e diversas comunidades rurais do

reconhecido pela Igreja Católica Apostólica Romana e foi associado a São Raimundo Nonato da Espanha, tendo seu dia de festa o mesmo que esse último santo, 31 de agosto.

município. Pelo santo de devoção essa paróquia recebe, no mês de outubro, romeiros e devotos de São Francisco de diversas cidades do Maranhão e de estados vizinhos.

A estimativa é de 30.000 romeiros que realizam e participam da festa, pagando e renovando suas promessas e fortalecendo seus laços de fé. Assim, o festejo de São Francisco é reconhecido como o maior festejo de Codó e o segundo maior da Diocese de Coroatá.

Além dessa festa, há também a tradicional Romaria de Codó – MA a Canindé- CE. Existente há mais de trinta anos, essa romaria é promovida pelo empresário Francisco Carlos Oliveira, que é devoto desse santo e iniciou a tradição em forma de pagamento de promessa.

A caravana codoense possui cerca de três mil romeiros e é uma das mais aguardadas na cidade de destino, tanto pelo grande número de pessoas quanto pela história de amor e de fé que esse grupo leva, transmite e renova durante esses dias de festa.

3.3.2. São Raimundo Nonato – Trizidela

Outro santo católico popular tanto em Codó quanto em toda a diocese de Coroatá, no Maranhão, na região Nordeste e no Brasil é São Raimundo Nonato (1200 – 1240). São Raimundo Nonato é popularmente considerado o santo de devoção de vaqueiros e fazendeiros. Por essa razão, na cidade de Codó a festa recebe um grande número de pessoas trabalhadores de fazendas e de comunidades rurais.

A paróquia São Raimundo em Codó possui 30 anos de atuação, está localizada na região da Trizidela – área que fica do outro lado do rio Itapecuru -, que abrange os bairros São José, São Vicente Palotti, São Raimundo, Vila Camilo e Residencial Zito Rolim (também conhecido como Residencial Trizidela) e 86 comunidades rurais com atividades religiosas ativas. Atualmente o pároco responsável é o Pe. José Orlando, SAC e o vigário é Pe. Deusdedt, SAC.

O Festejo acontece no mês de agosto, com encerramento no dia 31 do mês referido. nesse período toda a região municipal da Trizidela se mobiliza a trabalha junto para a festa acontecer. A estimativa é de que 17 mil pessoas seja o número de devotos, visitantes e curiosos, que chegam à festa e participam de alguma forma.

Assim, o festejo de São Raimundo em Codó é o segundo maior do município e o terceiro maior da Diocese de Coroatá. Pois, como já mencionado, o maior festejo da Diocese acontece em Vargem Grande, nesse mesmo período, só que com a devoção popular a São Raimundo Nonato dos Mulundus, um vaqueiro que se tornou ícone de fé para pessoas de todo o país, mas que ainda não foi reconhecido pela Igreja Católica.

3.4 A devoção a São Sebastião no Brasil

“A religião popular é um fato no Brasil. Não só um fato sociológico e histórico, mas também uma forte expressão religiosa” (Passos, 2016, p. 01). Nesses termos, entre os grandes santos católicos que são celebrados em todo o Brasil está São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro – RJ, Ribeirão Preto – SP, Parnaíba – PI, Cachoeira do Arari – PA, Matinha – MA e tantas outras cidades e municípios.

Ainda no Período Colônia, a devoção aos santos católicos foi trazida, ensinada e disseminada aos povos que viviam no país desse período. São Sebastião é um desses ícones da fé católica que teve sua devoção expandida por todo o território brasileiro e, ainda no século XVI, foi consagrado como padroeiro da cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Uma das maiores festas a São Sebastião no Brasil, com registro aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2013, acontece em Cachoeira do Arari, Ilha do Marajó – PA, região amazônica que mantém viva e prioriza suas atividades religiosas, tanto aos santos católicos como a outros símbolos e representações de fé. Boulhosa (2017) disserta que a festa a São Sebastião nessa região é antiga, tradição que já ultrapassou as dimensões religiosas e se tornou também atração turística cultural importante, onde atrai pessoas de toda a Amazônia, do Brasil e de vários outros países.

Como aspectos culturais e turístico igualmente fortes na festa a São Sebastião, Lagoa de Dentro – PB também é ressaltado como município que celebra sua fé e vive os efeitos da proporção que o festejo ganhou no turismo cultural. O santo é padroeiro da cidade, com paróquia erigida por volta de 1952 que, segundo Adelaide (2012), se deu devido a peste da varíola, que assolava toda a região de Lagoa de Dentro e como ato de fé e crença a São Sebastião, protetor contra as pestes, construíram a igreja de devoção.

Mendes (2017) fala sobre a cidade de São Luís, nos anos de 1903 e 1904, quando a peste bubônica assolava a cidade. Protetor contra as pestes e epidemias, a autora relata que foram realizadas procissões a São Sebastião, ainda que em um cenário de conflitos institucionais da Igreja e os interesses da população e outros religiosos.

Especificamente, no Maranhão, São Sebastião é festejado nas seguintes cidades, paróquias e dioceses:

Tabela 02: Festejo de São Sebastião no Maranhão.

	CIDADE	PARÓQUIA	DIOCESE
01	São Luís	Nossa Senhora da Conceição	Arquidiocese São Luís

02	Capinzal do Norte	São Sebastião	Bacabal
03	Magalhães de Almeida	Santo Antônio	Brejo
04	Estreito	São Sebastião	Carolina
05	Caxias	--	Caxias
06	Passagem Franca	São Sebastião	Caxias
07	Codó	São Sebastião	Coroatá
08	Vargem Grande	São Sebastião	Coroatá
09	Governador Archer	São Sebastião	Grajaú
10	Presidente Dutra	São Sebastião	Grajaú
11	Açailândia	São Sebastião	Imperatriz
12	Bacuri	São Sebastião	Pinheiro
13	Peri Mirim	São Sebastião	Pinheiro
14	Matinha	São Sebastião	Viana
15	Araguanã	São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida	Zé Doca
16	Carutapera	São Sebastião	Zé Doca

Sabe-se que o Maranhão é dividido em 12 dioceses e, de acordo com a tabela acima, nota-se que o São Sebastião é festejado em quase todas as dioceses do estado, onde também é conhecido com Regional NE 5 na estrutura organizacional da CNBB.

Em Codó, o Jornal Monitor Codoense, edição de 07 de setembro de 1895, traz uma nota sobre o voto que Martiniano Coelho fizera. Segundo o periódico ele pediu no voto que a epidemia de varíola não atingisse a vila de Codó e tendo sua graça alcançada, o fiel devoto dedicou-se à construção da capela. Advogado contra as pestes, São Sebastião que já era festejado, passou a ser reconhecido também por esse título em toda a vila.

Tanto nesse jornal quanto em outros noticiários da época, há referências da construção da capela a partir do voto de Martiniano e que o mesmo constantemente pedia ajuda dos fiéis e de todos os codoenses para a conclusão da obra. Desse modo, os fatos levam a compreender que tanto a primeira capela a São Sebastião, quanto a segunda tiveram efetiva participação popular dos devotos e bemfeitores que viviam nessa região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas nesse estudo, é possível verificar que a emersão e o desenvolvimento da Paróquia São Sebastião em Codó, deu-se de forma gradativa, porém, corroborada pela vontade, fé e compromisso dos fiéis devotos tanto ao santo quanto ao legado comunitário que se originou em torno da igreja e das fontes históricas sobre sua origem, que não lhes deixaram esquecer, tampouco postergar sua identidade.

Bem como apresentado nessa pesquisa, a devoção a São Sebastião é antiga, iniciada pelo senhor Nogueira e ganha estímulo a partir do voto de Martiniano que, crente à sua religiosidade, suplica ao santo a proteção contra a Variola e cumpre a promessa de construir a capela para festejar e honrar a vida e morte de mártir São Sebastião.

Também, procurou-se analisar e mostrar a trajetória histórica do município de Codó. Abordou-se que o município fazia parte da região Ribeira do Itapecuru, território também composto por Caxias, Itapecuru Mirim e Vargem Grande. A formação étnica do povo codoenses, que foi marcada pela presença indígena: Barbados, Guanarés e Gamelas (Timbiras) e, posteriormente, de africanos, sendo esse território considerado por estudiosos como a “África maranhense” por conta da predominância de negros em sua população.

Por volta da segunda metade do século XIX, o território codoense atraiu uma parcela significativa de imigrantes estrangeiros: sírios e libaneses. As famílias ditas de origens “árabes” colaboraram para as relações agrícolas e o desenvolvimento comercial do município e região. No final do século XIX e início do século XX, mais precisamente no ano de 1892, ocorreu o surgimento da primeira indústria de Codó que chamava Companhia Manufatureira e Agrícola. Esse empreendimento industrial iniciou com o proprietário José Emílio Lisboa, sendo repassado para o descendente de escocês Sebastião Archer da Silva.

Essas discussões são fundamentais para compreender as reflexões propostas nesse estudo, entender como se deu a construção da Igreja de São Sebastião e o debate da história e memória sobre o processo de emersão da paróquia. No movimento da história, conheceu-se quando foi construída a capela e a Igreja de São Sebastião, e de que maneira ela se tornou paróquia. Analisou-se a importância da comunidade, família Archer e de outros sujeitos históricos para construção da Igreja.

Somados a isso, utilizou-se da história conhecida e apresentada pela Igreja Católica sobre a vida de São Sebastião e, particularmente, das informações sobre a mobilização e organização do festejo a esse santo, na cidade de Codó, como elementos para a compreensão da significância dessa comunidade paroquial tanto em aspecto de religiosidade quanto ao que

tange a sociabilidade e ascensão de um dos bairros mais importantes do município supracitado.

Com efeito, faz-se também necessário entender os aspectos gerais que solidificaram o catolicismo a nível local, no Maranhão, bem como em todo o território, dada a colonização portuguesa no Brasil a partir do século XVI.

Enfim, constatou-se que esses elementos se tornaram chaves para conhecer e desvendar, historicamente, a Igreja e Paróquia São Sebastião. Sua extensão territorial que compreende todo o Bairro São Sebastião e sua localização centralizada, com relação às outras paróquias e às extremidades geográficas da cidade, se unem aos aspectos culturais, religiosos e sociais apresentados nesse trabalho e faz entender o compromisso dos paroquianos em manter viva essa tradição, o que fez da Igreja um ícone da cidade e deu a São Sebastião o título popular de copadroeiro desse município.

É fato que a história é recortada, lacunas abertas no decorrer do tempo fizeram com que detalhes, acontecimentos e pessoas caíssem no esquecimento, o que metaforicamente fez da história dessa paróquia uma colcha de retalhos. Ainda há muito a ser estudado, documentos que não foram possíveis de acessar podem, ou não, aproximar à consolidação de uma versão histórica da emergência e crescimento da Paróquia São Sebastião que unifique as partes contadas pelas diferentes pessoas entrevistadas nessa pesquisa.

A partir das análises apresentadas e do contexto histórico de fortalecimento do festejo a São Sebastião em Codó e em outras cidades do Brasil, rezaram os paroquianos entrevistados nesse estudo “pedindo a Deus por intercessão de São Sebastião, que proteja a cidade bem como afaste o vírus da Covid 19 de todo o planeta e assim suplicaram: “Glorioso Mártir São Sebastião: Rogai por nós”.

Por fim, face ao exposto, em consonância ao voto feito por Martiniano, no século XIX, e diante da realidade de conflitos, medos, crenças e descrenças que a pandemia do novo Corona Vírus – COVID 19 causou, o município de Codó foi entregue mais uma vez à intercessão de São Sebastião. A fé é um dos elementos fortes da cultura e vida das sociedades, compreende-se assim que a efetiva vida em comunidade se baseia na religiosidade como um dos fatores determinantes da organização social.

BIBLIOGRAFIA E FONTES ORAIS

ADAPOSTOLICA - Administração Apostólica Pessoal, S. João Maria Vianney. **O que é uma Paróquia, Quase-Paróquia e uma Reitoria?** 10/09/2017. Disponível em: <https://www.adapostolica.org/o-que-e-uma-paroquia-quase-paroquia-e-uma-reitoria/>. Acesso em 20/03/2020.

ADELAIDE, Edvania Vieira. **Viva São Sebastião! Da proteção aos fiéis à proteção a cultura: uma análise da festa de São Sebastião como potencial turístico-cultural /** Edvania Vieira Adelaide. – Guarabira: UEPB, 2012.

Apostolado da Oração. **Quem somos.** Disponível em: <<https://aomej.org.br/quem-somos>>. Acessado em 12/12/2019.

Apostolado da Oração: <https://aomej.org.br/quem-somos>. Acesso em 12 de dez. 2019
ASSUNTOS Dispersos. **Monitor Codoense**, Codó, 1 de fevereiro de 1896. Ano II. Número 19. Disponível em: <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20141117144338.pdf>. Acesso em 11/12/2019. (Página 2 caso precise). Batista-machado-a-igreja-de-Sao-Sebastiao/. Acessado em: 10/11/2020.

BORGES, Celia Maia. **As mensageiras do Senhor: A situação ambígua das beatas na Península Ibérica – séculos VI a XVIII.** Religiões e Religiosidades: entre a tradição e a modernidade / Angelo Adriano Farias de Assis e Mabel Salgado Pereira, (organizadores). – São Paulo: Paulinas, 2010. – (Coleção estudos da ABHR; v. 7).

BORGES, Dilene Magalhães; MOREIRA, Glauber Lima; PERINOTTO, André Riani Costa. **TURISMO RELIGIOSO E CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA: FESTAS RELIGIOSAS DE SÃO FRANCISCO E SÃO SEBASTIÃO EM PARNAÍBA/PI.** TuryDES: Revista Turismo y Desarrollo local. Vol 8, nº 18. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/Artigo2015.1TurismoReligiosoeCirculaoMidityca.pdf>>. Acesso em 02 de abr 2021.

BOULHOSA, Marinete Silva. **Festividade de São Sebastião, de Cachoeira do Arari: uma possibilidade para o desenvolvimento do turismo cultural na Ilha do Marajó, Brasil.** Revista Hospitalidade, volume 14, n. 01, agosto de 2017.

CAPELLA de S. Sebastião. **Monitor Codoense**, Codó, 7 de setembro de 1895. Ano I. número 3. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20141117143350.pdf. Acesso em 11/12/2019. (Página 4 caso precise).

CARDOSO, Vinicius Miranda. Cidade de São Sebastião: **O Rio de Janeiro e a comemoração de seu santo patrono nos escritos e ritos jesuítcos, c. 1585.** Revista Brasileira de História. Vol. 32 no.63 São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000100002>>. Acesso em 15 de fev. 2021.

CARVALHO, Helyne Jullee Rodrigues. **No rufar da caixa: memória, tradição e identidade. Um estudo sobre o terecô de caixa em Bequimão – MA.** São Luís, 2013.

CHIANCA, Luciana. **Devoções e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 11, volume 18(2):49-74 (2007). Disponível em: <file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/Dialnet-DevocaoEDiversao-3128413.pdf>. Acessado em 15/02/2021.

COSTA, Benedito Everton. **Sesquicentenário da Paróquia de Codó (1835-1985)**. Artes Gráficas Belarmino de Matos, 1985.

COUTO, Edilece Souza. **Devoções, festas e ritos: Algumas considerações** / Edilece Souza Couto - Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. (s.d). Diocese de Coroatá. Disponível em <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dcora.html>. Acesso em 14/03/2021.

ELEIÇÃO de Juizes e mordomos que tem de fazer a festa do Glorioso Martyr S. Sebastião para o anno de 1894. **Gazeta de Codó**, Publicação semanal, Codó, 01 de outubro de 1893. Número 47. Disponível em: <
http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20200716150844.pdf>. Acesso em 10/12/2019.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos).

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **CONSTRUÇÃO DO ELDORADO MARANHENSE: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio (1930-1970)**. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ

FESTA de S. Sebastião. **Comarca Semanário de Orientação Católica**, Codó, 29 de janeiro de 1947. Número 49. Disponível em: <
http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408280041121409197272_51531409197272_5153.pdf>. Acesso em 11/12/2019.

FESTEJO. **Monitor Codoense**, Codó, 1 de fevereiro de 1896. Ano II. Número 19. Disponível em: <
http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20141117144338.pdf>. Acesso em 11/12/2019. (página 3 caso precise). Fotos da corrida de São Sebastião: <http://www.codo.ma.gov.br/corridadesaosebastiao/fotos.php>.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Volume V. Ética, sexualidade, política. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – CPDOC. **SEBASTIAO ARCHER DA SILVA**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-archer-da-silva>>. Acessado em: 10/11/2020.

IBGE. **Dados do Censo de 2010**. Disponível em: <
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/codo/panorama> >. Acessado em: 21 de nov. 2019.

_____. **História & Fotos**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/codo/historico>. Acessado em: 21 de nov. 2019.

_____. **IBGE cidades – Codó-MA.** Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/codo/panorama> >. Acessado em: 21 de nov. 2019.

Revolta de Aragarças. Disponível em:
<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/Aragarcas>>. Acesso em
20/12/2019.

_____. **Amostra Religião.** Disponível em
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em 26 de mar.
2021.

INSRAINHA – Informativo semanal da Paróquia Nossa Senhora Rainha. **Qual a diferença entre Pároco e Vigário Paroquial?** Nº 872, Belo Horizonte-MG, 04 a 10 de março de 2018. Disponível em: < http://nsrainha.com.br/content/uploads/Informativo-872_web.pdf >. Acessado em: 14/11/2020.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas Religiosas: A Maturidade da Fé.** História: Questões e Debates. Curitiba, n.43, p.73-86, 2005.

MACHADO, João Batista. **Codó**, histórias do fundo do baú. Codó: FACT/UEMA, 1999.

MENDES, Claudia Cristina Pereira. **Entre práticas e representação: a procissão de São Sebastião em tempo de peste.** Claudia Cristina Pereira Mendes. UFMA. São Luís, 20217. Disponível em: < <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2212/1/CLAUDIAmendes.pdf> >. Acesso em 16 de fev. de 2021.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O presente status do estudo das religiões: campo religioso e fenomenologia. In: GUERREIRO, Silas (org.). O estudo das religiões: desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2003. Pp. 157-175 (coleção estudos da ABHR).

MICELI, Sergio. **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995).** São Paulo: Ed. Sumare: ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999. Volume 2 : Sociologia.

Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, Secretaria do Desenvolvimento do Territorial. **Perfil Territorial.** Elaboração: CGMA, Caderno Territorial, nº 034, Cocais – MA, maio/ 2015. Disponível em:< http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_034

NERIS, Wheriston Silva. **Igreja e Missão: religiosos e ação política no Brasil /** Wheriston Silva Neris; orientador Ernesto Seidl – São Crsitovão, 2014. 404f. : il.

NUNES, Gleydson Thiago. **Religiosidade Afro-brasileira na cidade de Codó:** O terecô e a comunidade remanescente de quilombo Santo Antônio dos Pretos. Monografia (Curso de História), Departamento de História e Geografia do Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão / CESC-UEMA, Caxias, 2010.

PACHECO, D. Felipe Condurú. **História Eclesiástica do Maranhão.** São Luis: Departamento de Cultura, Vol. I, 1969. Páginas 3 e 4 (caso precise). Paróquia São Sebastião. **História de São Sebastião – Valinhos – SP.** Disponível em: < <https://paroquiasaosebastiao.com.br/padroeiro> >. Acesso em 29/12/2019

PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Mara Regina do. (Org.) **A invenção das devoções: crenças e formas de expressão religiosa**. 1ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2013, v. 1, p. 167-204.

PORTAL CODO. MA. GOV. BR s/d. Prefeitura Municipal de Codó, dados do município. Disponível em: < <https://www.codo.ma.gov.br/dados-do-municipio/> >. Acessado em 10/12/2019.

Prefeitura Municipal de Codó. **Início do Povoamento em Codó**. Disponível em: < <http://www.codo.ma.gov.br/portal/sample-page/> >. Acesso em 10/12/2019.

RIBEIRO, Jéssica Cristina Aguiar. **O perigo de uma história única: a “invenção” de Codó – MA como terra da macumba (1950 a 1990) São Luís 2015**. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História/CCH) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

S. SEBASTIÃO. **Correio do Codó Hebdomadario Independente, Crítico e Noticioso**, Codó, 22 de janeiro de 1919. Ano VII. Num. 4. Disponível em: < http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20141106115707.pdf >. Acesso em 11/12/2019 (pagina 1, caso precise).

SANTOS E ÍCONES CATÓLICOS. **História de São Sebastião**: Disponível em: < <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-sebastiao/162/102/> >. Acesso em 30 de dez. 2019

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira** / Lyndon de Araújo Santos. – São Luís: Edufma; São Paulo: Ed. ABHR, 2006.

_____. **História de São Francisco de Assis**. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-francisco-de-assis/139/102/>. Acesso em 02 de abr. 2021.

_____. **História de São Raimundo Nonato**. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-raimundo-nonato/272/102/>>. Acesso em 02 de abr. 2021.

SINGER. **Nossa História**. Disponível em: < <http://www.singer.com.br/nossa-historia/> >. Acesso em 20/12/2019. Sociedade do Apostolado Católico - SAC. Disponível em: <<http://palotinos.blogspot.com/20>

SIQUEIRA, Sonia A. de. **Religião e religiosidade: Continente ou conteúdo?** Religiões e Religiosidades: entre a tradição e a modernidade / Angelo Adriano Farias de Assis e Mabel Salgado Pereira, (organizadores). – São Paulo: Paulinas, 2010. – (Coleção estudos da ABHR; v. 7).

SOUSA, José Reinaldo Miranda de. **AS DIÁSPORAS MARANHENSES** – Codó: caminhos e descaminhos de um povo em movimento (1970-2010). Tese (Doutorado Em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, São Paulo, 2016.

TRINDADE, Acélio. Por João Batista Machado – **A igreja de São Sebastião**. In: **Blog do Acélio**, 25 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<https://www.blogdoacelio.com.br/por-joao>

FONTES ORAIS

Entrevistas junto as/aos paroquianas/os da Igreja São Sebastião / Codó-MA:

01. ROLIM, Adorívia Gonçalves. **Depoimento** [06 de fevereiro de 2020]. Codó-MA. Entrevista concedida à autora.

02. FORTALEZA, Joadilina. **Depoimento** [06 de fevereiro de 2020]. Codó-MA. Entrevista concedida à autora.

03. RIBEIRO, Maria da Conceição. **Depoimento** [06 de fevereiro de 2020]. Codó-MA. Entrevista concedida à autora.

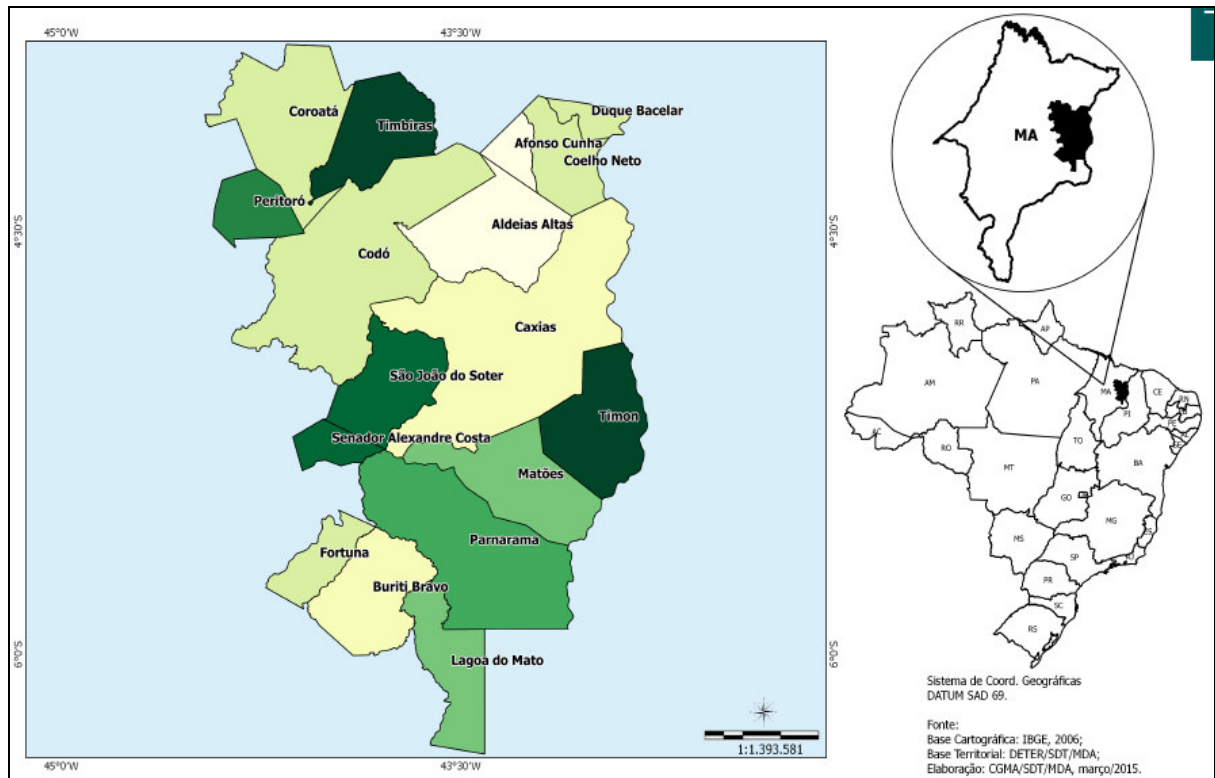
04. CRUZ, Antônia Maria Paiva **Depoimento** [12 de fevereiro de 2020]. Codó-MA. Entrevista concedida à autora.

05. SILVA, Ricardo Archer da. **Depoimento** [19 de fevereiro de 2020]. Codó-MA. Entrevista concedida à autora.

06. CRUZ, Pe. José Orlando de Carvalho da. **Depoimento** [06 de fevereiro de 2020]. Codó-MA. Entrevista concedida à autora.

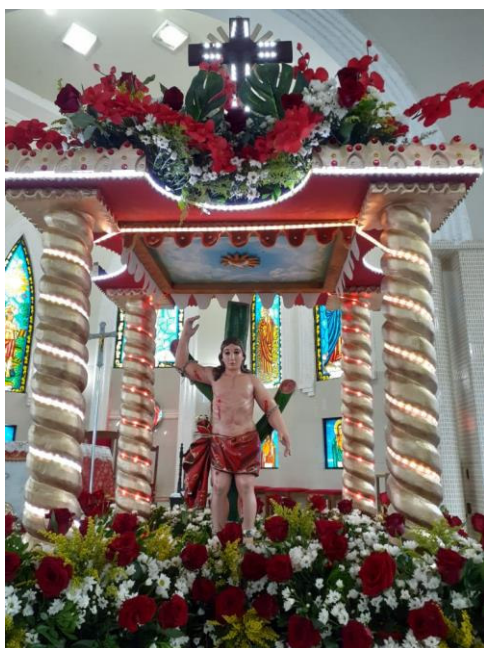
ANEXOS

A – Mapa territorial da Região dos Cocais – Maranhão.



B- FOTOS DOS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO

Andor de São Sebastião



Café comunitário pós alvorada



Imagem de São Sebastião 2019/2020



Procissão a São Sebastião



Chegada da procissão de São Sebastião



Imagem aérea de São Sebastião



NOITES DE NOVENAS



